

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

SABRINA TAIS LERMEN

**A TEMÁTICA RURAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA
E PROFISSIONAL NOS CURSOS DE JORNALISMO NO RIO GRANDE
DO SUL**

Frederico Westphalen, RS
2022

SABRINA TAIS LERMEN

**A TEMÁTICA RURAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA
E PROFISSIONAL NOS CURSOS DE JORNALISMO NO RIO GRANDE
DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências da
Comunicação da Universidade Federal de
Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Reges Toni Schwaab

Frederico Westphalen, RS
2022

Sabrina Tais Lermen

**A TEMÁTICA RURAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA
E PROFISSIONAL NOS CURSOS DE JORNALISMO NO RIO GRANDE
DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências da
Comunicação da Universidade Federal de
Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Aprovado em ___ de _____ de 2022.

Prof. Dr. Reges Toni Schwaab (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

Me. Carine Massierer (EMATER/RS / GPJA/UFRGS)

Profa. Dra. Mirian Redin de Quadros (UFSM)

Frederico Westphalen, RS
2022

“Numa época de mentiras universais, dizer a verdade
é um ato revolucionário.”

George Orwell

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais, agricultores e meus exemplos de vida, que sempre apoiam os meus sonhos e fazem o impossível para que eu os possa realizá-los. Agradeço a minha irmã pela ajuda e apoio. Ao meu companheiro de vida e de jornada, obrigada pela paciência, companheirismo e por sempre acreditar em mim.

Aos meus amigos, em especial a dois que conheci na universidade, obrigada pela nossa conexão e cumplicidade. A todas as pessoas que de alguma forma estiveram presentes durante a minha graduação, seja com palavras de incentivo ou pelas inúmeras caronas, vocês, com toda a certeza, tornaram este percurso mais leve.

Os meus maiores agradecimentos e profundo respeito aos mestres, em especial aos que foram amigos, e, em sua amizade, compreenderam e incentivaram a seguir.

Agradeço pelo dom da vida, por viver em uma época de tantas possibilidades e pela oportunidade de um ensino público e de qualidade!

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a presença da temática rural no processo de formação acadêmica e profissional nos 22 cursos de Jornalismo no Rio Grande do Sul, objetivando compreender como se dá a formação especializada no rural por meio de disciplinas e projetos disponibilizados. A necessidade de criar um ambiente de diálogo entre os jornalistas e os agricultores foi o que motivou a realização desta pesquisa, considerando a importância do setor no estado. Além disso, preparar os profissionais de comunicação para atuar nesse setor é também conscientizá-los de que, ao apoiar a agricultura, estarão contribuindo para o desenvolvimento local e nacional. Adota-se como metodologia para esta pesquisa a Análise Documental para exploração das ementas das disciplinas voltadas ao rural e a técnica da Entrevista em Profundidade para maiores esclarecimentos sobre as disciplinas com professores responsáveis e jornalistas que atuam neste meio. Os resultados encontrados demonstram a escassez de disciplinas voltadas ao ensino rural, a ineficácia da formação voltada ao segmento e a necessidade de estudos destinados ao rural nas universidades de ensino de comunicação do estado.

Palavras-chave: Comunicação Rural; Jornalismo Rural; Formação em Jornalismo; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This research presents a study on the presence of the rural theme in the academic and professional training process in the 22 Journalism courses in Rio Grande do Sul, aiming to understand how specialized training in rural areas takes place through available disciplines and projects. The need to create an environment for dialogue between journalists and farmers was what motivated this research, considering the importance of the sector in the state. In addition, preparing communication professionals to work in this sector is also to make them aware that, by supporting agriculture, they will be contributing to local and national development. The Documentary Analysis is adopted as a methodology for this research to explore the menus of disciplines aimed at rural areas and the technique of the In-Depth Interview for further clarification on the disciplines with responsible teachers and journalists who work in this environment. The results demonstrated the scarcity of disciplines aimed at rural education, the ineffectiveness of training aimed at the segment and the need for studies aimed at rural areas in communication teaching universities in the state.

Keywords: Rural Communication; Rural Journalism; Training in Journalism; Rio Grande do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Participação da agricultura familiar na produção agropecuária, por produto, no ano de 2006 (produção medida em toneladas, exceto leite que é em litros).....	25
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cursos de jornalismo no Rio Grande do Sul, universidades públicas e privadas, no ano de 2021	31
Tabela 2 - Relação das disciplinas e retornos obtidos.	37
Tabela 3 - Roteiro base a ser utilizado na análise das ementas das disciplinas voltadas ao rural.	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Retorno de informações quanto a presença de disciplinas voltadas ao rural de universidades públicas e privadas, no ano de 2021	32
Gráfico 2 - Presença de disciplinas voltadas ao rural em universidades públicas e privadas, no ano de 2021	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 PROCESSO COMUNICATIVO COM O HOMEM DO CAMPO	17
2.1.1 Comunicação rural	17
2.1.2 Jornalismo Rural	20
2.2 RIO GRANDE DO SUL: UM ESTADO AGRÍCOLA	22
2.3 O ENSINO EM JORNALISMO	26
2.3.1 Diretrizes Curriculares	28
3 PERCURSO METODOLÓGICO	30
3.1 OBJETO DE ESTUDO	30
3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL	35
3.3 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE - PROFESSORES	40
3.3.1 A oferta	42
3.3.2 O conteúdo	43
3.3.3 A procura e a relevância	44
3.4 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE - JORNALISTAS	45
3.4.1 A definição e os sujeitos	45
3.4.2 Do percurso à análise	46
<i>3.4.2.1 Sobre a formação em jornalismo rural</i>	<i>47</i>
<i>3.4.2.2 Sobre a atuação em jornalismo rural</i>	<i>48</i>
<i>3.3.2.3 Sobre o ensino em jornalismo rural</i>	<i>49</i>
<i>3.3.2.4 Observações dos jornalistas sobre jornalismo rural</i>	<i>50</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	59

APÊNDICE A: RELAÇÃO DE RETORNOS OBTIDOS DAS UNIVERSIDADES QUANTO A PRESENÇA DE DISCIPLINAS VOLTADAS AO SEGMENTO RURAL	59
APÊNDICE B: ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM ELDER OGLIARI (25/09/2021)	61
APÊNDICE C: ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM GISELE LOEBLEIN (27/09/2021)	68
ANEXOS	77

1 INTRODUÇÃO

No livro intitulado “Extensão ou Comunicação?”, Freire (1985) evidencia que, para uma comunicação ser eficiente, as pessoas que estão envolvidas devem admirar o mesmo objeto. Ainda, um processo de comunicação só será eficiente de fato se o comunicador compreender sobre a forma de interpretação da mensagem, seja ela escrita ou verbal, pelo receptor. Logo, entender como a temática rural é trabalhada durante o processo de formação acadêmica e profissional nos cursos de Jornalismo no Rio Grande do Sul é também ter um panorama de como os profissionais da comunicação estão sendo preparados para trabalhar com o público e com os temas rurais em um estado de economia predominantemente agrícola.

A importância do Rio Grande do Sul para a oferta nacional de alimentos é historicamente reconhecida. Conforme dados do IBGE (2017), o estado seria responsável pela quarta maior economia do Brasil, correspondendo a 6,4% do Produto Interno Bruto (PIB), sendo superado apenas pelos estados de São Paulo (32,2%), Rio de Janeiro (10,2%) e Minas Gerais (8,8%). A agricultura está presente em todas as regiões do território estadual, correspondendo à principal atividade exercida em mais da metade dos municípios gaúchos, principalmente nos de menor porte.

Apesar da notável vocação agrícola do estado e do país, Braga e Carvalho (1999) afirmam que é visível que a comunicação rural ainda é desconhecida, na sua essência, pela maior parte dos comunicadores. Isso pode estar relacionado ao fato de que a comunicação rural no país sempre esteve restrita aos extensionistas, agrônomos e técnicos agrícolas e foi orientada para ser utilizada como difusão da modernização da agricultura, seguindo princípios americanos que ficou conhecido no Brasil como Revolução Verde (CARVALHO, 2001, p. 19-20).

Este pacote agrícola que visava a modernização rápida e eficaz da agricultura chegou ao país carregado de convicções internacionais e destinado a criar novos hábitos de consumo no produtor rural, influenciando a utilização de agrotóxicos sob um discurso de que com uma produção mais eficiente seria possível acabar com a fome no mundo. À vista disso, a comunicação não foi pensada como um processo interativo capaz de gerar desenvolvimento técnico e humano.

O meio rural e as atividades nele desenvolvidas sofrem influências históricas, sociais e culturais, assim necessitam de profissionais da comunicação que entendam a realidade rural, o

seu significado e que consigam, de algum modo, dialogar com esse público específico e ao mesmo tempo diversificado. Desta forma, transmitir para a sociedade rural os conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica, em uma linguagem jornalística e acessível, é o que os agricultores esperam do comunicador e, assim, cabe às universidades a missão de prepará-los.

Logo, para uma comunicação rural eficiente, a forma de comunicar-se com esse público específico deve ser apreendida na universidade na mesma velocidade das tecnologias modernas aplicadas na agricultura. É a partir dessas premissas que se questiona: Quais são os espaços para a comunicação rural durante a formação nos cursos de Jornalismo do Rio Grande do Sul?

De modo a responder à questão da pesquisa, define-se como objetivo compreender como se dá a formação em comunicação rural por meio de disciplinas e projetos disponibilizados nos cursos de jornalismo do estado. Ainda, mais especificamente, objetiva-se:

- Evidenciar a importância da comunicação rural como fonte de informação e desenvolvimento do setor;
- Analisar a estrutura curricular dos cursos de jornalismo no Rio Grande do Sul;
- Debater com profissionais representativos da área a suficiência da formação em jornalismo com a comunicação rural;

No sentido de uma justificativa pessoal, tomo a liberdade de falar, inclusive em primeira pessoa, que a temática rural sempre esteve presente no meu cotidiano. Filha de agricultores habitantes de Pinheirinho do Vale, um município pequeno localizado no interior do estado, desde a infância ouvi queixas de meus pais sobre a pouca ou nula presença do jornalismo rural nos veículos de comunicação, o que sempre me gerou diversas inquietações. Destaco ainda que no decorrer da graduação sempre busquei trabalhar a temática rural, atuando também como bolsista no projeto de pesquisa “Análise quantitativa e qualitativa do acesso a informações rurais e consumo midiático no Médio Alto Uruguai”.

A escassez de estudos como esse é também uma justificativa para o presente trabalho. Compreendemos que não existe a possibilidade de iniciarmos uma nova reflexão antes de estabelecermos mapeamentos e como consequência, leituras de artigos, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses sobre o assunto, trajeto esse denominado por estudiosos como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”.

Assim, para que fosse válida nossa revisão bibliográfica e, que a partir dela organizarmos as ideias deste trabalho de conclusão de curso, para consulta, utilizamos plataformas digitais de bancos de dados com maior relevância dentro da comunicação, sendo estas o Google Acadêmico, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (PORTCOM) e na Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ).

Optamos por criar categorias de pesquisa nos websites e a partir disso, definimos duas modalidades de exploração em forma de palavras: “ensino + jornalismo rural” e “disciplina + comunicação rural”. O mapeamento foi realizado entre maio e julho de 2020.

Na nossa primeira busca de subcategorias que denominamos como “ensino + jornalismo rural”, constatamos 11 publicações que envolvem de alguma forma a temática. Entretanto, a busca por mais abrangente que tenha sido, localizou apenas dois estudos que se assemelham ao buscado neste trabalho.

Na segunda divisão denominada “disciplina + comunicação rural” encontramos produções científicas nas áreas de medicina veterinária, agronomia, zootecnia entre tantas outras até chegarmos pôr fim à comunicação. Por mais que muitos textos abordam disciplinas de comunicação rural, a grande maioria não condiz com a nossa temática já estabelecida. Ao total, contatamos 17 publicações que envolvem o assunto e que podem estabelecer diálogo com nosso trabalho.

O que nos chocou com o reconhecimento que conseguimos obter com esse estado da arte é a falta de trabalhos específicos envolvendo a presença do rural na formação de comunicadores em nosso país. Em acordo a isso, após realizarmos o mapeamento e as leituras sobre nossas subcategorias, reafirmamos a importância de estudarmos um assunto ausente nas pesquisas, mas que tem forte presença no cotidiano em geral.

O presente trabalho se apresenta dividido em três partes. Em um primeiro momento, aborda-se o processo comunicativo com o homem do campo, trazendo uma breve contextualização da comunicação e do jornalismo rural. Apresenta-se o panorama agrícola do estado do Rio Grande do Sul, no qual pontua-se questões sociais, econômicas, históricas e culturais voltadas ao meio rural do estado, evidenciando e reforçando a importância da temática. Ainda, ao fim do capítulo, aborda-se o ensino em comunicação rural e as diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo no país.

Na sequência, é realizada a pesquisa empírica. Divide-se esta parte do trabalho em quatro etapas complementares. Inicia-se com a identificação do objeto de estudo por meio de contato com coordenadores dos cursos de jornalismo do Rio Grande do Sul, sendo encontrado quatro cursos e cinco disciplinas voltadas à comunicação rural. Em um segundo momento é realizada a análise documental das disciplinas identificadas, com exceção de uma disciplina a qual não nos foi disponibilizada a ementa.

Ainda, foram realizadas entrevistas em profundidade, por e-mail e WhatsApp, com os docentes responsáveis pelas disciplinas identificadas, objetivando compreender como se dá a formação em comunicação rural no estado por meio de disciplinas nos cursos de jornalismo. Por fim, também utilizando o método de entrevista em profundidade, procurou-se por meio de relatos de profissionais atuantes em editorias rurais do estado compreender como ocorreu o contato com o tema e, se o conteúdo abordado durante a formação se fez suficiente para aprimorar ou despertar a vontade de trabalhar com o jornalismo rural.

Por fim, o último capítulo apresenta os resultados obtidos neste estudo, os quais destacamos: a escassez de disciplinas voltadas ao ensino rural; a importância do ensino em jornalismo/comunicação rural na formação de futuros profissionais; a necessidade de profissionais capacitados para se comunicar com o homem do campo; a ineficácia da formação voltada ao segmento e a necessidade de estudos destinados ao rural nas universidades de ensino de comunicação do estado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo trata dos conceitos e linhas teóricas de abordagem primordiais para o estudo realizado. Assim, inicialmente, se introduz a questão da comunicação e do jornalismo rural, não pretendendo esgotar a temática, mas, sobretudo, ilustrar um contexto histórico geral.

A partir destas concepções, investiga-se o ensino de comunicação rural no país, trazendo apontamentos sobre as diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo brasileiros, bem como a pouca presença da temática. Por fim, o capítulo encerra com uma apresentação da questão agrícola no estado do Rio Grande do Sul, evidenciando e reforçando a importância da área e, portanto, do estudo e formação para trabalhar com a temática.

2.1 PROCESSO COMUNICATIVO COM O HOMEM DO CAMPO

Esta seção apresentará a origem e conceitos da comunicação e do jornalismo rural, sendo válido ressaltar o papel da extensão ao abordar a comunicação rural, tendo em vista que, a partir do trabalho dos extensionistas (agrônomos e técnicos agrícolas), se originou os estudos desta comunicação. Ainda, como elemento da comunicação rural, surge o jornalismo especializado na área, que tem como objetivo central de divulgar informações, mensagens e conceitos específicos aos agricultores.

2.1.1 Comunicação rural

A comunicação rural, como definida por Bordenave (1988), acontece por meio do diálogo entre os atores sociais da área rural com todos os setores que são afetados direta ou indiretamente pelo funcionamento da agricultura. O autor ainda afirma que, diferente da comunicação urbana, a comunicação rural deve ser tratada de forma específica, o que se deve ao fato da

população rural concentrar suas atividades e seu comportamento ao redor de uma atividade toda especial, complexa e marcante que é a agricultura. As comunidades resultantes da ocupação agrícola e do habitat rural pensam, sentem e agem de maneira diferente da dos habitantes das cidades, comunicando-se também através de códigos e meios próprios. (BORDENAVE, 1988, p.121)

Logo após o final da Segunda Guerra Mundial (1945), os Estados Unidos difundiram a probabilidade de um crescimento agrícola por meio dos avanços tecnológicos e, conseqüentemente, da modernização. A partir deste momento, a agricultura reassumiu seu lugar de destaque social e econômico, que antes era tomado pela Revolução Industrial (1760–1820/1840) (GONÇALVEZ, 2007).

Neste período, idealizou-se a chamada Revolução Verde, que intitulava como objetivo oferecer aos países em desenvolvimento avanços tecnológicos que permitiriam o combate à fome e à pobreza. Todavia, é neste momento que ocorre uma forte intervenção internacional nos modos de produção e se dá abertura a implementação de pesticidas agrícolas.

A idealização deste projeto se baseava na ideia de que ao utilizar o pacote tecnológico disponibilizado (técnicas de cultivo, uso de defensivos agrícolas, fertilizantes químicos, sementes selecionadas, etc..) seria possível produzir o mesmo alimento em qualquer parte do mundo. Através do apoio técnico e financeiro, os extensionistas transformariam o pequeno produtor em um médio ou grande produtor. E assim “ao elevar sua escala produtiva, esse novo produtor rural, além de gerar excedentes aos mercados; seria um demandante de máquinas, adubos, sementes e de toda gama de insumos necessários numa agricultura moderna.” (CARVALHO, 2001, p. 20).

Segundo Gonçalves (2007), os sociólogos americanos começaram, ao mesmo tempo, a fomentar a perspectiva do difusionismo, caracterizado pela excessiva preocupação com a disseminação e adesão de novas práticas agrícolas, alegando ainda, que os países subdesenvolvidos impulsionariam revoluções populares controladas pelo comunismo internacional. Tais pensamentos levaram os Estados Unidos “[...] a criarem convênios de cooperação econômica e de assistência técnica, política e militar com países considerados atrasados ou de Terceiro Mundo.” (GONÇALVES, 2007, p. 31).

Desse modo, órgãos governamentais de pesquisa, universidades e empresas que atuavam com a extensão, passaram a ser responsáveis por inserir a utilização intensiva de insumos e equipamentos que pudessem gerar o aumento da produtividade, criando-se a figura do “extensionista rural”.

De um ponto de vista mais amplo, a extensão rural buscava que as sociedades se modernizassem rapidamente com o aumento da produção agrícola, aumento da renda, diminuição da mão de obra e conseqüentemente, o aumento do bem estar familiar. No entanto, conforme Gonçalves (2007), os extensionistas não levavam em conta os aspectos sociais e culturais dos agricultores, apenas incorporaram novas mudanças de comportamento objetivando resultados imediatos.

Os extensionistas acabavam por aplicar métodos e técnicas agrícolas, mas não de comunicação com o agricultor. No entanto, o extensionista é, sobretudo, comunicador-

educador. Logo, a comunicação rural deveria ser a sua principal ferramenta de trabalho para conscientizar e apoiar a população na participação dos processos de mudança social e não apenas ditar o que deve ou não ser feito.

À vista disso, segundo o pensamento de Freire (1985), a extensão rural acaba por transformar o agricultor em um depósito, que recebe automaticamente aquilo que os “superiores” dizem ser moderno e tecnológico. Assim, Paulo Freire ressalta a necessidade do conhecimento neste processo

[...] conhecer não é um ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. (FREIRE, 1985, p. 7)

Posto isto, o processo de comunicação entre os técnicos e agricultores deve ser também uma relação de troca, na qual o técnico/extensionista busca o desenvolvimento rural através da compreensão da cultura e das reais necessidades do agricultor. Ou seja, que haja uma comunicação de ideias, na qual o extensionista juntamente com o agricultor “[...] problematizam a situação com suas injustiças e contradições, buscando sempre juntos e comprometidos, integralmente, soluções alternativas aos problemas evidenciados, soluções que podem ser técnicas, políticas, econômicas, sociais ou culturais” (MUSSOI, 1985, p.47).

Freire (1985) ainda destaca que a comunicação rural não é somente a transferência informações para o setor agrário, mas é o ato de compreender a significação e o significado, é introduzir novas formas de produção e, sobretudo, atuar como um meio para uma mudança social, adaptando o sistema produtivo e cultura local com os modelos de produção econômicos dos países hegemônicos.

A busca pelo desenvolvimento do meio rural já não está relacionada somente com a Extensão Rural, tendo em vista que outras entidades, organizações sociais, agentes financeiros, associações e sindicatos aliaram-se a este processo. Ampliou-se a abrangência e a profundidade dos conteúdos, desde 1999, contemplando não apenas questões produtivas aliadas à tecnologia, mas também pessoas que carecem por saúde, bem-estar e acesso à cidadania. (FROELICH, 2019).

Supõe-se que o comunicador rural conhece em profundidade as características e os comportamentos específicos do setor, acumulando, desta forma, bagagens que o tornam mais

capacitado para cumprir seu papel de mediador social (SILVA, 2019). Assim sendo, o comunicador rural detém o papel de analisar quais particularidades possuem maior influência nas decisões do agricultor, transmitindo confiança sobre quais práticas devem ser adotadas.

Afinal, conforme Silva (2019), se o comunicador rural não for capaz de exercer o movimento até o ambiente rural onde está a problemática e retornar ao processo comunicativo, a questão rural acaba por perder o seu sentido “Entendemos que a especialização na comunicação não é capacidade de verbalizar de modo especializado sobre o fato comunicativo específico, mas sim de expressá-lo da maneira mais simples e clara como tentativa de compreendê-lo em sua especificidade” (SILVA, 2019, p.48).

2.1.2 Jornalismo Rural

Inicialmente, cabe destacar que, mesmo muitas vezes considerados sinônimos, a comunicação e o jornalismo rural são distintos. O campo de atuação da comunicação rural é mais abrangente, no qual é indispensável dialogar com o público. Já o jornalismo rural é um elemento específico da comunicação que busca, por meios variados, informar.

É válido ainda salientar que o jornalismo rural vai além do universo do agronegócio. Como o próprio nome já diz, o agronegócio, que atualmente recebe o nome de *agrobusiness* (agronegócios em inglês), é uma forma de negócios relacionada à exploração agrícola que tem como único objetivo o capital econômico. Tal setor envolve a produção e a subprodução de produtos derivados da agricultura, incluindo além da própria produção agrícola, a demanda de adubos e fertilizantes, o desenvolvimento de maquinários agrícolas, a industrialização destes produtos e o desenvolvimento de tecnologias para disseminação de todas essas atividades.

No entanto, existem outros modelos de negócios voltados à agricultura, como a agricultura de subsistência e a agricultura familiar, que também devem ser tratadas pelo jornalismo rural, tendo em vista que este “[...] tornou-se uma iniciativa de valorizar os acontecimentos do campo: do quase não-notado pôr-do-sol ao mais avançado equipamento empregado na atividade agrícola” (DASSIE, 1999, p.165).

No senso comum, o jornalismo é denominado como a ação de informar fatos e contar histórias. Como afirma Traquina, o jornalismo é “a vida em todas as suas dimensões, como em uma enciclopédia” (2005, p.19). O autor ainda define o jornalismo como “o que aconteceu/ está acontecendo no mundo hoje?” (TRAQUINA, 2005, p. 20). Assim, pode-se considerar que o jornalismo atua como fonte de informação para os mais variados públicos e culturas.

Fatos novos surgem a todo e a qualquer momento, cabendo ao jornalismo decodificar e explicar à sociedade os acontecimentos e seus desdobramentos. Além de mediador da informação, no âmbito rural, o jornalista é responsável por fomentar a conscientização dos direitos dos agricultores e oportunizar às pessoas a chance de conhecer o novo, evidenciando a importância desse setor para o contexto econômico e social da região e do país.

Pimenta (2006) ressalta que com o universo agrícola cada vez mais cientificamente e tecnologicamente avançado, cabe ao jornalismo especializado colaborar na valorização de temas muitas vezes desconhecidos e considerados de pouca importância.

A especialização beneficia a elaboração do conteúdo informativo, ao mesmo tempo colabora para uma construção do discurso mais apropriada ao receptor. [...] Por sua capacidade de aprofundamento e pela possibilidade de ligar-se ao público com uma maior intimidade, essas produções jornalísticas podem ter ousadia e, conseqüentemente, serem mais criativas (ABIAHY, 2005, p.26).

Ainda segundo Abiahy (2005), a especialização é uma consequência da globalização, afinal foi a heterogeneidade entre os receptores que modificou a maneira de informar, tornando as comunidades cada vez mais individualistas e os produtos culturais organizados seguindo a ótica da diferenciação.

Desta forma, o objetivo principal do jornalismo especializado é unir as informações relevantes de uma determinada comunidade com a adequação de linguagens apropriadas, compreensíveis e compatíveis à cultura rural e regional

Os especialistas escrevem para especialistas e não para o público em geral e os artigos acabam sendo herméticos e indecifráveis para quem não tenha razoável formação científica sobre o tema. O trabalho jornalístico deve ser exatamente o oposto, ou seja, levar informações e análises aos não iniciados, sem cair num primarismo que se torne maçante para os que detêm algum conhecimento no ramo (ROSSI, 1980 apud CARVALHO, 2001, p.16)

Cabe destacar que o jornalismo rural está modificando o cenário da comunicação nacional. Braga e Carvalho (1999, p.2) afirmam que “o Jornalismo como guardião da liberdade e dos direitos da sociedade deve lembrar que, mesmo nos 'cafundós' de nossos sertões, vivem brasileiros com os mesmos direitos da população urbana”.

Ainda, conforme os autores Ferreira e Silva (2012), o produtor rural não é mais visto como um “caipira” e ignorante que desconhece os meios tecnológicos e despreza a importância da mídia, mas como um grande empresário responsável pelo maior capital econômico do país.

Como consequência, ao supor que o jornalismo especializado produz um conteúdo informativo mais aprofundado, o mercado começou a demandar por profissionais que trabalhassem com um discurso mais apropriado para a área, em que fosse possível o maior entendimento de seus receptores. A vista disso, Carvalho (2001) ressalta que o jornalismo rural na atualidade deve despertar no comunicador o interesse e o aprofundamento acadêmico nessa área, gerando como consequência o debate de disciplinas voltadas ao rural na grade curricular das escolas de comunicação do país.

2.2 RIO GRANDE DO SUL: UM ESTADO AGRÍCOLA

A fim de ampliar a discussão sobre a importância da comunicação rural em território rio-grandense, esta seção se dedica a compreender brevemente o contexto histórico da agricultura no estado e sua importância ao setor socioeconômico.

Os estudos desenvolvidos por Sulzbacher (2012) apontam dois marcos temporais importantes para a compreensão do desenvolvimento agrícola no estado do Rio Grande do Sul: o primeiro marco é o ano de 1531, caracterizado pelo contato dos exploradores europeus com a área correspondente atualmente ao território gaúcho, até então ocupada por nativos. O segundo marco temporal corresponde aos anos de 1605 a 1633, período no qual houve a fundação das reduções jesuíticas e posteriormente, a formação dos Sete Povos das Missões entre 1682 a 1750 (SULZBACHER, 2012). As atividades desenvolvidas nestes períodos estavam centradas, sobretudo, na criação de gado, levando a formação de grandes colônias agrícolas que abrigassem tal atividade (MIGUEL, 2013).

Todavia, Mantelli (s/a) atrela mudanças no cenário da agricultura gaúcha à chegada dos açorianos, ocorrida por volta de 1750. A imigração açoriana é resultante de uma política governamental que pretendia densificar a população e formar novas colônias que produzissem alimentos para consumo interno, onde os açorianos se dedicaram principalmente à produção de agricultura de subsistência e suinocultura (Mantelli, s/a).

Em 1824, o governo imperial deu início a uma política oficial de colonização do estado, na qual imigrantes europeus eram incentivados a ocupar as áreas ainda inexploradas. Mantelli pontua que esta ocupação se deu, inicialmente, em 1824, com a chegada dos alemães e, no mais tardar, em 1875, com imigrantes italianos, que passaram a ocupar áreas cobertas por vegetação e a realizar o desmatamento para a abertura de campos agrícolas aptos para plantio. A chegada

de tais imigrantes fortaleceu a agricultura de subsistência e marcou o desenvolvimento de diferentes colônias agrícolas (MANTELLI, s/a; MIGUEL, 2013).

A esta exploração, o Rio Grande do Sul se desenvolveu a partir de duas linhas: a primeira, articulada na criação de gado, ocorreu na região dos campos naturais, enquanto a agricultura de subsistência aconteceu nas regiões cobertas por florestas. Miguel (2013) aborda que a produção na linha dos campos naturais sofreu modificações a partir de 1905, quando a produção de bovinos e ovinos se deu de maneira mais extensiva e melhorada, sendo a produção abatida em frigoríficos, enquanto novas técnicas de plantio possibilitaram o cultivo do arroz com irrigação. Essas transformações, que se estenderam até a década de 1970, marcaram a era conhecida como Sistema Agrário Contemporâneo. Posteriormente, desenvolveu-se o sistema conhecido como Sistema Agrário Contemporâneo Atual, que se estende até os dias atuais, e que pode ser sintetizado pela ocorrência da Revolução Verde, da reforma agrária, de grandes lavouras, reflorestamento, sistema familiar e pluriatividade (MIGUEL, 2013).

Na linha das florestas, o autor acima citado demarca que após a chegada dos imigrantes italianos e alemães as atividades agrícolas se desenvolveram com a presença de tração animal leve, policultura, sistema familiar e ocorrência do êxodo rural, marcando a transição entre o Sistema Agrícola Colonial Contemporâneo para o Sistema Agrário Contemporâneo Atual na década de 70. Este último sistema se assemelha muito com as características apresentadas na linha dos campos naturais, onde se denota a ocorrência da Revolução Verde, sistema familiar, policultura e integração da agroindústria (MIGUEL, 2013).

Nesta ótica, Sulzbacher (2012, p.20) reconhece que “os fatores naturais, de povoamento e as políticas de Estado contribuíram para uma divisão territorial das estruturas produtivas no estado [...]”. Atualmente, o estado é considerado por muitos como um dos estados com as menores desigualdades no que tange à estrutura fundiária, contando com mais de 440 mil propriedades agrícolas em uma superfície de 20.199.489 hectares, conforme os dados do IBGE 2006 (FEIX, LEUSIN JÚNIOR; 2019).

Feix e Leusin Júnior (2019), ao desenvolverem o Painel do Agronegócio do RS para o Departamento de Economia e Estatística do Estado, apontam ainda que o cenário agrícola do mesmo é marcado por uma variedade de produtos, na qual se destacam a soja, o arroz, o milho e o trigo como as principais culturas agrícolas praticadas no estado, em termos de área plantada e quantidade produzida - cerca de 95% da área é destinada ao cultivo de grãos. Ademais, os

autores pontuam que, em se tratando de valor de produção, a uva, maçã e o fumo adquirem igual importância no setor.

A atividade agropecuária, conjunto de atividades primárias estando diretamente associada ao cultivo de plantas (agricultura) e à criação de animais (pecuária), é uma fonte de renda importante para o estado gaúcho, correspondendo a principal atividade exercida em cerca de 252 municípios gaúcho, sobretudo, naqueles de menor porte (IBGE, 2018). Neste norte, o RS se configura como o terceiro estado brasileiro com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar. Conforme Feix e Leusin Júnior (2019), “a agricultura familiar é característica de 86% dos estabelecimentos e responde por 81% do pessoal ocupado na agropecuária do RS”.

Os dados disponíveis atestam que, no Estado, a agricultura familiar é fundamental para a produção de alimentos básicos para a população brasileira, como leite, aves, suínos, feijão, milho e mandioca. Mesmo entre as atividades em que tradicionalmente predomina a agricultura empresarial — tais como a bovinocultura, a sojicultura e a triticultura —, a produção dos estabelecimentos familiares é relevante. (FEIX, LEUSIN JÚNIOR; 2019, p. 41) [ver figura 1, a seguir].

Figura 1 - Participação da agricultura familiar na produção agropecuária, por produto, no ano de 2006 (produção medida em toneladas, exceto leite que é em litros).



Fonte: Censo Agropecuário de 2006 apud Feix e Leusin Júnior, 2019, p. 41.

Além do mais, outro traço característico da atividade agropecuária no estado gaúcho é a organização de agricultores em cooperativas. Os dados do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS) apontam que em 2018 existiam no estado cerca de 128 cooperativas agropecuárias no estado, com mais de 350 mil associados (FEIX, LEUSIN JÚNIOR, 2019). Das atividades relacionadas a tais cooperativas a OCERGS aponta a produção de grãos, laticínios, proteína animal, hortifrutigranjeiros, vitivinicultura,

lanifício, supermercados e lojas agropecuárias que atuam na comercialização de insumos agrícolas e agropecuários (FEIX, LEUSIN JÚNIOR, 2019).

Neste norte, reforça-se que se a produção agrícola no estado é uma das atividades econômicas mais forte do mesmo, contribuindo com cerca de 11,8% do total do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária brasileira no ano de 2016, dando ao estado gaúcho a primeira posição no ranking nacional (FEIX, LEUSIN JÚNIOR, 2019).

2.3 O ENSINO EM JORNALISMO

Carvalho (2001) afirma que a diversidade rural em um país com dimensões como o Brasil requisita, por parte do comunicador, um tratamento adequado às regionalizações e as diferenças culturais. Conseqüentemente, surge a necessidade de discutir a respeito da formação acadêmica dos jornalistas nas instituições de ensino superior do país e, sobretudo, do estado. A importância do profissional do jornalismo, as diretrizes estabelecidas para sua formação e o contexto histórico sobre o ensino do jornalismo no estado e no país são instrumentos utilizados para a pesquisa nesta seção.

A primeira escola de Jornalismo do mundo foi a Washington College, fundada na Virgínia em 1869. Nas décadas seguintes, foram sendo criados cursos semelhantes em outras universidades dos EUA e da Europa. Conseqüente, com fortes influências americanas e europeias, os primeiros cursos de jornalismo no Brasil iniciaram-se em 1947, na Fundação Cásper Líbero, e em 1948, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (SILVA, 2018). Cinco anos após o lançamento do primeiro curso de ensino para profissionais da imprensa no Brasil, criou-se, em 1952, o primeiro curso de jornalismo do Rio Grande do Sul, da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (SILVA, 2018).

Contudo, desde 2009, o diploma não é mais obrigatório para a atuação profissional do jornalista, o que acaba por prejudicar, direta e indiretamente, a comunicação do país. José Marques de Melo (2007) evidencia a importância das associações científicas para nortear o crescimento significativo da comunicação no ensino superior nacional e a importância de tal formação, desafiando “... sociedades científicas como a Intercom a assumir papel de vanguarda no balizamento desses processos de interesse público no limiar do novo século (MARQUES DE MELO, 2007, p.38).

Seguindo essa linha de pensamento, Silva (2018) ressalta que muitas outras entidades contribuem com a discussão sobre o ensino em jornalismo e a obrigatoriedade ou não do diploma para atuação profissional, sendo algumas a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), bem como grupos específicos na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic) e Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Ainda, foi em uma das de suas participações em sociedades científicas que Marques de Melo iniciou a primeira discussão para incluir a Comunicação Rural nos meios de comunicação e no ensino do país. Marques de Melo apresentou no XI INTERCOM (Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), realizado em setembro de 1988, na Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa-MG, e abordou a juventude das Escolas de Comunicação brasileiras e, nelas, o aprendizado da Comunicação Rural.

Para o autor, é necessário reconhecer que nem todas as escolas de comunicação do país precisam aprofundar a temática rural

Essa tendência corresponde àquelas universidades inseridas em contextos culturais interioranos, atuando em zonas urbanas dependentes da economia rural, que pode definir sua vocação por essa área e subornar seu programas de ensino e pesquisa as diretrizes globais, as quais contemplan a formação de recursos humanos para veículos dirigidos ao mundo rural ou para assumir funções informativas/persuasivas em programas de extensão rural ou de transferência tecnológica (MELO, 1993 , p.78).

Segundo Marques de Melo (1993), as universidades que deveriam seguir esse perfil estão situadas no Rio Grande do Sul, interior de São Paulo e em Minas Gerais. No caso gaúcho, a cidade citada como exemplo pelo autor é Caxias do Sul. Logo, cabe às instituições, utilizar do potencial da comunicação para elevar a rentabilidade da produção agrícola e, conseqüentemente, a economia local onde as universidades estão inseridas.

Somente a produção de conhecimento sobre a realidade social, cultural e comunicacional das populações que vivem no campo e se dedicam às tarefas agrárias e pastoris poderá conduzir o melhor dimensionamento dos modelos e das estruturas, os quais determinam a circulação e o consumo das mensagens dirigidas ao mundo rural (MARQUES DE MELO, 1993, p. 77).

Conforme Braga e Carvalho (1999), mesmo sabendo da importância da comunicação rural para o bom desempenho dos produtores agrícolas do Brasil, ainda é visível, no entanto, a

ausência do jornalismo no segmento rural nos veículos e cursos de comunicação do país. É devido a esta e outras lacunas já mencionadas que, segundo Melo (2009), os recém formados encontram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, pois desconhecem, em grande maioria, as especificidades do relato jornalístico.

Para Magela, isso ocorre porque “as escolas de comunicação são totalmente alienadas do rural e só o contextualizam nas suas festas juninas, e os estudiosos da comunicação continuam ignotos e distantes daqueles cujo trabalho é colher, em alguma parte do País, a sua alimentação diária” (BRAGA, CARVALHO, 1999, p.3).

2.3.1 Diretrizes Curriculares

As diretrizes curriculares nacionais para cursos superiores são documentos de referência para a construção dos projetos pedagógicos nas instituições. Elaboradas individualmente por curso, as diretrizes não delimitam um currículo ou disciplinas obrigatórias, estas são elaboradas pelas universidades com base nas suas particularidades (localidade, história, tradições, limitações, etc).

O relatório que propôs as diretrizes foi apresentado em 2009 por uma comissão de especialistas, sendo esta presidida pelo professor José Marques de Melo. No entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de bacharelado em Jornalismo foram homologadas somente em 2013.

As diretrizes curriculares nacionais para o curso de Jornalismo estabeleceram significativas mudanças no ensino da profissão. A comissão de especialistas que elaboraram as diretrizes tinha como objetivo unir o perfil do jornalista com as suas competências profissionais, destacando, sobretudo, a qualidade do curso e a formação humanística.

A proposta da Comissão de Especialistas mostra-se bastante flexível no que diz respeito aos conteúdos curriculares. O currículo é organizado a partir de seis eixos de formação: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. Tais eixos possuem caráter bastante geral, possibilitando que as Instituições de Ensino Superior (IES) tenham bastante liberdade na composição das disciplinas e conteúdos a ser ministrados (MEC, 2013, p. 4).

O relatório elenca, também, habilidades, conhecimentos, valores e atitudes que a serem desenvolvidas pelos estudantes, tornando-os um jornalista diplomado e, espera-se, um profissional humanista, crítico, generalista e reflexivo. Ainda, além do trabalho de conclusão curso e as atividades complementares, às diretrizes impõem o estágio obrigatório, pois, segundo

a comissão, ele oportuniza a interação da universidade com o setor produtivo e o entendimento da prática na realidade.

Silva (2018) ressalta que cada instituição possui particularidades que lhes impõem limitações e oportunidades, como, por exemplo, podem ser públicas, privadas e comunitárias, do interior ou de grandes centros urbanos. É a liberdade das diretrizes para a composição de disciplinas e conteúdos ministrados nas instituições que permitem que as mesmas criem projetos pedagógicos que procurem superar as limitações e utilizar de suas particularidades a seu favor.

A vista disso, a resolução das diretrizes impõe no Art. 9º inciso III a “garantia de oportunidade de conhecimento da realidade, nos contextos local, regional e nacional” (MEC, 2013, p. 6), por meio do equilíbrio entre a teoria e a prática durante toda a duração do curso. Ainda, determina-se no Art. 16º inciso III que dentro do sistema de avaliação institucional dos cursos de jornalismo deve contemplar “a contribuição do curso para o desenvolvimento local social e de cidadania nos contextos em que a instituição de educação superior está inserida” (MEC, 2013, p. 7).

Logo, o ensino em jornalismo deve garantir, além de conhecimentos gerais e amplos, um conhecimento mais especializado, ou seja, cabe às instituições o papel de ensinar a cobrir questões sociais e políticas que sejam importantes para a localidade onde estão inseridas e assim contribuir para o desenvolvimento.

Neste ponto, retoma-se o fato de que o Rio Grande do Sul possuiu seus contextos econômicos, sociais, culturais e históricos diretamente ligados à produção agrícola. Desta forma, mesmo que o rural não seja citado diretamente nas diretrizes, é notório que dentro das expectativas apresentadas cabe inserir a abordagem da comunicação e do jornalismo rural nas universidades.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo objetiva apresentar os procedimentos metodológicos e materiais utilizados nesta pesquisa. Para tanto, inicialmente são apresentados o objeto de estudo e os critérios utilizados para a sua escolha. Na sequência é apresentado o ferramental da Análise Documental e da Entrevista em profundidade, além de métodos de coleta de dados utilizados neste trabalho.

3.1 OBJETO DE ESTUDO

Buscando verificar a presença da temática rural no processo de formação acadêmica, a pesquisa tem como objeto empírico a grade curricular e atividades extracurriculares dos 22 cursos presenciais de jornalismo no Rio Grande do Sul, sendo cinco cursos pertencem a universidades federais e 17 cursos de universidades privadas (Tabela 1), conforme dados obtidos no site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 - Cursos de jornalismo no Rio Grande do Sul, universidades públicas e privadas, no ano de 2021

<i>CURSOS DE JORNALISMO DO RIO GRANDE DO SUL</i>	
UNIVERSIDADES PÚBLICAS	UNIVERSIDADES PRIVADAS
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Sul)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Faculdade da Serra Gaúcha (FSG)
UFSM - Campus Frederico Westphalen	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
Universidade Federal do Pampa (Unipampa)	Feevale
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Universidade de Caxias do Sul (UCS)
	Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
	Universidade Região da Campanha (Urcamp)
	Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)
	Universidade Franciscana
	Centro Universitário Univates
	Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí)
	Universidade Luterana do Brasil (Ulbra)
	Universidade de Passo Fundo (UPF)
	Universidade de Cruz Alta (Unicruz)
	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
	UniRitter
	Faculdade São Francisco de Assis (Unifin)

Fonte: Elaboração da autora, 2021, com base em dados obtidos no site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul.

Logo após a definição do objeto desta pesquisa, iniciou-se o processo de busca nos sites oficiais das universidades pelos projetos pedagógicos dos cursos e suas propostas curriculares, a fim de identificar a presença de disciplinas voltadas à comunicação rural. Algumas

Universidades, no entanto, não disponibilizam ao público tais informações, o que gerou a necessidade de um contato específico com os coordenadores dos cursos, indagando-os:

Pergunta 1: Existe/existiu alguma disciplina que trabalhe a comunicação rural ou essa temática? Se já existiu, em qual período? Ela é/foi obrigatória ou eletiva?

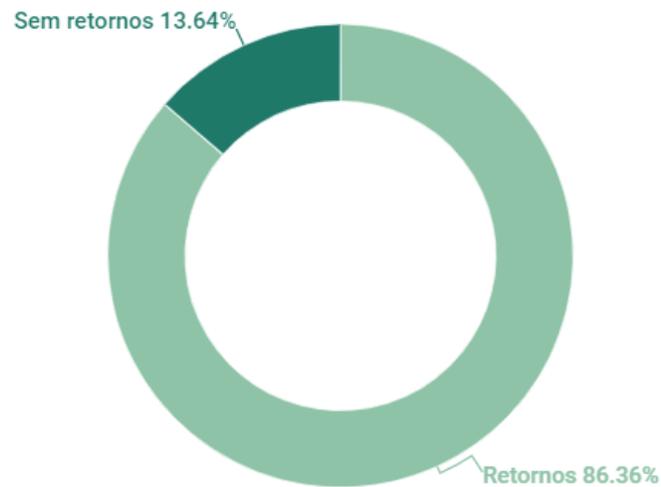
Pergunta 2: Existe/existiu algum projeto de pesquisa ou extensão ligado ao curso que trabalhe a comunicação rural? Se já existiu, em qual período?

Pergunta 3: Em havendo respostas positivas para as questões anteriores, por favor, peço o envio dos contatos das/os professores/as responsáveis.

O contato inicial foi feito por e-mail e o baixo índice de retornos exigiu um segundo contato, que ocorreu novamente por e-mail. A terceira tentativa foi realizada por meio do contato nas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) oficiais das instituições e também nas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) dos coordenadores dos referidos cursos. Por fim, a última tentativa foi feita por ligação telefônica. O período de coleta das informações foi entre dezembro de 2020 e outubro de 2021.

Das 22 universidades apresentadas anteriormente não se obteve retorno de três instituições (Gráfico 1), sendo estas a Universidade Região da Campanha (Urcamp), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

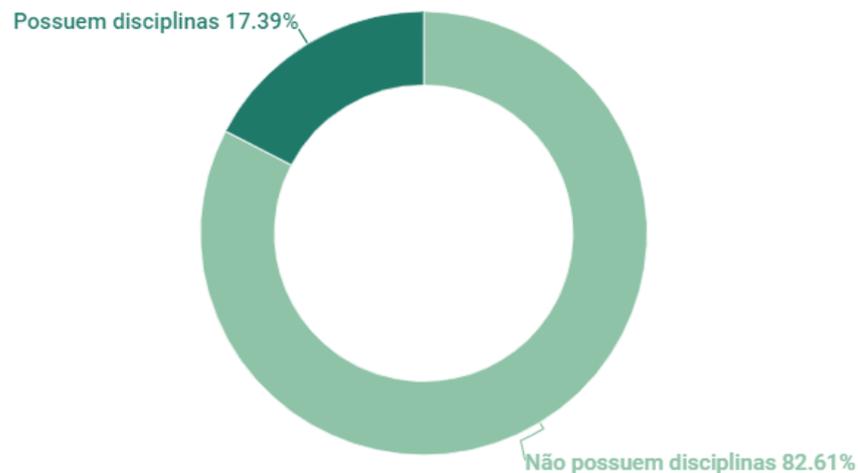
Gráfico 1 - Retorno de informações quanto a presença de disciplinas voltadas ao rural de universidades públicas e privadas, no ano de 2021



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Das 19 universidades que retornaram a pesquisa, somente quatro apresentaram disciplinas voltadas à temática rural, representando um total de 21,05% (Gráfico 2). As instituições de ensino que apresentaram a presença de disciplinas são: Universidade de Passo Fundo (UPF), Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, Universidade de Cruz Alta (Unicruz) e Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).

Gráfico 2 - Presença de disciplinas voltadas ao rural em universidades públicas e privadas, no ano de 2021



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

A Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) é uma instituição de direito privado e de caráter comunitário. Criada em 21 de outubro de 1988, está localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O curso de Bacharelado em Jornalismo ofertado na instituição é

noturno e possui oito semestres de duração. Conta com uma disciplina obrigatória ativa intitulada “Jornalismo Rural e Ambiental”, ministrada pela professora mestre Margarete Ludwing.

Também localizada na região noroeste do estado, a Universidade Federal de Santa Maria - campus Frederico Westphalen (UFSM-FW) é uma instituição de caráter público com 15 anos de atividades. Possui o curso de Jornalismo Bacharelado, igualmente com oito semestres, sendo ofertado presencialmente no turno diurno. Possui duas disciplinas complementares de graduação inativas voltadas ao ensino rural. Intitulada “Comunicação Rural”, ofertada no antigo currículo do curso (2006-2015), foi ministrada inicialmente pela professora doutora Caroline Casali e seguida pela professora doutora Andréa Weber. Ofertada no atual currículo (implantado em 2016), a disciplina “Produção de Conteúdo em Comunicação Rural” foi ministrada em conjunto pelos professores doutores Rafael Foletto e Reges Schwaab (apenas em 2020).

Com mais de cinquenta anos de história, a Universidade de Passo Fundo (UPF) é uma instituição privada localizada na região norte do estado. Ofertado na modalidade híbrida no turno da noite, o curso de Jornalismo da instituição, diferente dos demais, possui nove períodos de duração. A disciplina “Jornalismo no Agronegócio”, que já foi obrigatória, atualmente é eletiva e ministrada pela mestre Nadja Maria Hartmann.

Sediada na cidade de Canoas, na região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) é uma instituição de ensino superior privada brasileira fundada em 1972. O curso de Jornalismo Bacharelado da instituição é disponibilizado no turno da noite com 8 semestres de duração. Entre os anos de 2015 e 2019, o curso ofertou uma disciplina pertencente aos cursos de Veterinária e Agronomia, cujo nome era “Extensão rural e difusão”. A disciplina foi ministrada em parceria entre um professor da área de Agronomia que discutia as questões de extensão rural e um professor do curso de comunicação que trabalhava a questão da difusão, num sistema de *media training*.

Algumas instituições apontaram a presença da temática pontualmente durante o curso. O curso de Jornalismo da UniRitter trabalha brevemente com a temática rural em meio às disciplinas de jornalismo ambiental e jornalismo econômico desde 2015. Ainda, na UNISC tópicos gerais são tratados na disciplina de "Comunicação e Desenvolvimento Regional".

Contudo, ambas as universidades não trabalham a comunicação/jornalismo rural de fato, como é o objetivo de identificação desta pesquisa.

Destaca-se ainda que a UNISC possui quatro projetos em andamento voltados à comunicação no campo. Destes, 3 são projetos de extensão, intitulados “Assessoria ao Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia”, “Diagnóstico e desenvolvimento de embalagens para as agroindústrias ligadas ao Arranjo Produtivo Local de Agroindústrias Familiares do Vale do Rio Pardo” e “Nós por elas - comunicação feminina no campo”. O outro é um projeto de pesquisa denominado “Rurbanidades, TIC e Desenvolvimento Regional: estudo das práticas e dos sentidos da rurbanidade manifestas nos Vale do Rio Pardo e Vale do Caí/RS-Brasil”. As demais universidades não apontaram projetos ativos voltados à comunicação rural.

Cabe-se ressaltar outros apontamentos identificados nas universidades. A UNIPAMPA possui dois CCCGs (componentes optativos) denominados "Jornalismo ambiental" e "Jornalismo agro econômico", previstos no PPC atual reformulado em 2014, entretanto, nunca foram ofertados no curso. A UFN também aponta a disciplina de Jornalismo Ambiental e a ESPM possui pós-graduação em Agrobusiness. Logo, nota-se que as universidades associam a temática rural ao Jornalismo Ambiental e a temáticas econômicas.

3.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

Como suporte para analisar a grade curricular, utiliza-se da análise documental, pois esta técnica busca, por meio da interpretação de dados e informações, compreender uma realidade ou fenômeno: A análise documental “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2002, p. 271).

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) o uso de documentos para a pesquisa deve ser apreciado e valorizado, já que eles podem ser utilizados em várias áreas de ciências humanas e sociais, possibilitando o entendimento do objeto na sua contextualização histórica e sociocultural.

No caso da pesquisa científica, Moreira (2002) destaca que a análise documental é, ao mesmo tempo, método e técnica: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2002, p.272)

É válido ainda ressaltar que a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O que as diferencia é a natureza das fontes, tendo em vista que a pesquisa bibliográfica é a soma de diferentes autores sobre o tema, considerando fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental utiliza de materiais que ainda não receberam tratamento (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para Cellard (2008) é impossível transformar um documento, é preciso aceitá-lo como se apresenta, mesmo que, às vezes, seja incompleto, parcial ou impreciso. Ainda segundo o autor, é essencial saber compreender as fontes documentais, mesmo as mais pobres, pois elas podem ser as únicas a nos esclarecer sobre uma determinada situação.

À vista disso, é fundamental avaliar adequadamente, com um olhar crítico, a documentação que se pretende fazer análise. Assim, os elementos de análise documental necessários para essa avaliação podem ser descritos, resumidamente, conforme Cellard (2008) da seguinte forma:

- A. O contexto: é primordial que se avalie o contexto histórico e a conjuntura socioeconômica-cultural que ocasionou a produção do documento. Só assim, o pesquisador conseguirá compreender as particularidades da organização e interpretar o conteúdo do documento.
- B. O autor: Cellard (2008) destaca ser “bem difícil compreender os interesses (confessos, ou não!) de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que se manifestam, suas razões e as daqueles a quem eles se dirigem” (p. 300).
- C. A autenticidade e a confiabilidade do texto: Destaca-se aqui a importância de assegurar-se da qualidade da informação e de verificar a procedência dos documentos.
- D. A natureza do texto: O exemplo citado por Cellard (2008) facilita o entendimento desta dimensão: “é o caso, entre outros, de documentos de natureza teológica, médica, ou jurídica, que são estruturados de forma diferente e só adquirem um sentido para o leitor em função de seu grau de iniciação no contexto particular de sua produção” (p. 302).

- E. Os conceitos-chave e a lógica interna do texto: É importante prestar atenção aos conceitos-chave e avaliar seus sentidos dentro do contexto que são empregados. Ainda, é útil entender a lógica interna do texto, compreendendo como o argumento se desenvolveu, quais são as principais partes da argumentação, etc.

Por meio desses elementos-chave é possível analisar, identificar e categorizar os documentos para a utilização ou não na pesquisa. Assim, a análise documental “[...] é desenvolvida através da discussão que os temas e os dados suscitam e inclui geralmente o corpus da pesquisa, as referências bibliográficas e o modelo teórico.” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 11).

Neste estudo, a análise documental compõe o principal método de pesquisa para atingir o segundo objetivo específico: "Analisar a estrutura curricular dos cursos de jornalismo no Rio Grande do Sul", identificando a presença da temática rural que possibilite formar um profissional capaz de transmitir informações geradas em outros setores da sociedade para o meio rural em linguagens apropriadas e compatíveis à cultura rural e regional. É por meio desta técnica que se pretende entender como a comunicação rural é trabalhada nas instituições de ensino do estado e, conseqüentemente, gerar um debate em relação a sua suficiência dentro do contexto em que estão inseridas.

Após a identificação das universidades com disciplinas voltadas ao ensino em comunicação/jornalismo rural, entramos em contato com os professores responsáveis apontados pelos coordenadores. Das cinco disciplinas identificadas, não obtivemos retorno do professor responsável pela disciplina “Extensão rural e difusão”, ofertada na ULBRA. Vale ressaltar que o contato com os professores foi realizado via e-mail e serviço de mensagens WhatsApp, conforme dados repassados pelos coordenadores.

Ainda, dos quatro professores que retornaram, não nos foi disponibilizada a ementa da disciplina de Jornalismo e Agronegócio, ofertada na UPF. No entanto, a maioria das informações contidas na ementa foram disponibilizadas pela secretaria de Faculdade de Artes e Comunicação da UPF, não sendo possível obter a bibliografia da disciplina. As informações, de forma exemplificada, podem ser visualizadas na tabela a seguir (Tabela 2).

Tabela 2 - Relação das disciplinas e retornos obtidos.

Instituição	Disciplina	Entrevista	Ementa
-------------	------------	------------	--------

UFSM – FW	Produção de conteúdo em comunicação rural	Sim	Sim
UFSM – FW	Comunicação Rural	Sim	Sim
ULBRA	Extensão rural e difusão	Não	Não
UNICRUZ	Jornalismo Rural e Ambiental	Sim	Sim
UPF	Jornalismo e Agronegócio	Sim	Não

Fonte: Autora, 2021.

A partir das informações obtidas, iniciamos o processo de análise documental. Para auxiliar nesta etapa da pesquisa, elaborou-se um roteiro base a ser analisado (Tabela 3).

Tabela 3 - Roteiro base a ser utilizado na análise das ementas das disciplinas voltadas ao rural.

ANÁLISE DA EMENTA DA DISCIPLINA	
<i>Nome da Disciplina:</i>	
<i>Semestre de oferta:</i>	<i>Disciplina atualmente: ()Ativa ()Inativa</i>
<i>Disciplina: ()Obrigatória ()Opcional</i>	<i>Carga Horária:</i>
<i>¹Bibliografia: ()Atual ()Inatural</i>	<i>Foco: ()Regional ()Nacional ()Internacional</i>
<i>Principais conteúdos abordados nos programas das disciplinas:</i>	

Fonte: Autora, 2021.

Das quatro disciplinas em análise, somente a disciplina “Jornalismo Rural e Ambiental”, ofertada na UNICRUZ, é de caráter obrigatório e se mantém atualmente ativa, sendo disponibilizada aos alunos do sexto período. Todo o restante foi ofertado de forma opcional, sendo a mais recente ministrada no ano de 2020, intitulada “Produção de conteúdo em comunicação rural”.

Dentre as disciplinas, a “Jornalismo e Agronegócio”, ofertada na UPF, apresenta divergência de carga horária das demais, com 30 horas semestrais, ou seja, dois créditos, destinados somente para conteúdos teóricos. As disciplinas restantes possuem em comum a carga horária: 60 horas, podendo também ser classificada como quatro créditos, e dividem seus conteúdos igualmente entre a teoria e a prática.

¹ Bibliografia: Posterior ao ano 2000 (atual); anterior ao ano 2000 (inatural).

Ambas as disciplinas optativas ofertadas na UFSM-FW possuem uma bibliografia inatual, seguindo os preceitos de Paulo Freire (1985) e Juan Díaz Bordenave (1988). Enquanto a disciplina da UNICRUZ, que se encontra ativa, apresenta uma bibliografia atual, com enfoque nos estudos de Nilson Lage (2005) e Luiz Costa Pereira Junior (2006).

A disciplina “Jornalismo ambiental e rural”, ofertada na UNICRUZ, trabalha com a temática central sobre a sustentabilidade no meio rural. Com enfoque nacional, aborda entre os conteúdos: Os espaços Urbano e Rural no Brasil; Jornalismo e Agronegócio; Associativismo e Cooperativismo; Produtos jornalísticos voltados ao meio rural; A visão holística do jornalismo e a alfabetização ecológica e técnicas de entrevista, redação e edição jornalística.

Intitulada “Jornalismo e Agronegócio”, a disciplina optativa ofertada na UPF aborda o agronegócio como objeto da produção jornalística. Dentre os seus conteúdos, trabalha com: Conceitos e objetivos do jornalismo agropecuário; Comunicação e cultura do homem do campo; As diversas linguagens na produção de mensagens; As formas sociais de organização da produção agrícola e as perspectivas de uma agricultura sustentável no contexto brasileiro; As principais teorias sobre a problemática ambiental face às diferentes estratégias de desenvolvimento sustentável e Técnicas jornalísticas aplicadas ao jornalismo no agronegócio.

Como o próprio nome já enuncia, a disciplina optativa “Comunicação rural”, ofertada na UFSM-FW, por meio de seu enfoque nacional, aborda conceitos, histórico, modelos e pesquisa em comunicação rural, além de outros assuntos como: formação da agricultura brasileira; modernização agrícola: questão ecológica e agrária; meios e mensagens em comunicação rural.

Por fim, também com enfoque nacional, a disciplina “Produção de conteúdo rural”, ofertada na UFSM-FW, trabalha com os conteúdos: Principais conceitos e campo profissional da comunicação rural; Ruralidade e comunicação; Agroecologia; Sustentabilidade; os meios e públicos; coletivos e cooperativas; estratégias em comunicação rural; tecnologias e processos de consumo e recepção no campo; planejamento de comunicação e conteúdo para diferentes mídias.

Diversas similaridades são apresentadas entre as disciplinas, das quais destaca-se, principalmente, o enfoque em conteúdos nacionais e, apesar de uma disciplina trabalhar com a temática central sobre a sustentabilidade, o assunto é destacado em todas as disciplinas juntamente com o tema agroecologia.

Ainda, além de ensinamentos técnicos em jornalismo, nota-se que o conceito de comunicação rural, os meios, o público e as cooperativas também são assuntos que apresentam maior presença entre as disciplinas.

3.3 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE - PROFESSORES

Duarte (2005) define a entrevista em profundidade como “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada para deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p.62).

Ainda conforme o autor acima citado, a entrevista de profundidade é uma técnica qualitativa que explora determinado assunto a partir da procura de informações, percepções e experiências dos informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada (DUARTE, 2005). Dessa forma, o entrevistador pode ajustar suas perguntas livremente, enquanto a fonte possui flexibilidade para definir os termos de resposta.

É importante ressaltar que esta técnica não pode ser utilizada como uso de estatísticas e sim, para saber como os assuntos são percebidos pelos entrevistados. É uma entrevista bastante dinâmica e útil para a compreensão da realidade, sendo muito utilizado em pesquisas de comunicação interna, comportamental, organizacional, levantamentos históricos e processos jornalísticos.

Existem três tipos de entrevistas, segundo Duarte (2005), sendo as entrevistas abertas e semiabertas do tipo em profundidade e a entrevista fechada do tipo quantitativo. As entrevistas abertas, ou seja, não estruturadas, partem de um tema principal em que não há sequência pré-determinada de questões a serem abordadas, tem caráter mais exploratório e o entrevistado é deixado à vontade para falar sobre o tema.

Já no caso das entrevistas semiabertas ou semiestruturadas, o pesquisador prepara de antemão um roteiro com questões guia, suficientemente amplas, que devem ser lançadas ao entrevistado conforme o andamento da entrevista. Por fim, a entrevista fechada, com questionário estruturado que é repetido com todos os indivíduos selecionados para entrevista, é um método utilizado principalmente quando se tem um grande número de pessoas para ouvir, sendo possível unir e comparar os resultados.

Dentro do objetivo principal da pesquisa de compreender como se dá a formação em comunicação rural por meio de disciplinas e projetos disponibilizados nos cursos de jornalismo, se torna relevante buscar informações com os professores responsáveis pelas disciplinas ligadas à temática rural, utilizando como suporte a entrevista em profundidade semiaberta. Este componente será importante para a busca das informações pois, conforme Duarte (2005, p.67) “Uma vantagem desse modelo é criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes.”.

Junto ao contato feito aos professores para obtenção da ementa da disciplina, feito por e-mail e WhatsApp, foram realizadas entrevistas com perguntas semiestruturadas. Contudo, apesar de não obtermos a ementa da disciplina “Jornalismo e Agronegócio” da UPF, obtivemos respostas da professora responsável pela mesma. Assim sendo, foram realizadas, nesta parte da pesquisa, o total de quatro entrevistas.

Inicialmente, com o objetivo de obter informações básicas sobre a disciplina, foram aplicadas seis perguntas bases a todos os professores responsáveis pelas mesmas²:

Pergunta 1: Em qual/quais período(s) a disciplina foi ofertada?

Pergunta 2: A disciplina é teórica ou prática?

Pergunta 3: Quais as temáticas/assuntos trabalhados na disciplina?

Pergunta 4: Como concebeu os temas/conteúdos trabalhados na disciplina?

Pergunta 5: Qual o critério de escolha da bibliografia?

Pergunta 6: Qual a relevância da disciplina para o contexto onde a Universidade está inserida?

A entrevista semiestruturada possibilita a inclusão de perguntas adicionais na medida em que novos pensamentos e necessidade de entendimentos de determinado tema foram identificados durante a realização da entrevista. Objetiva-se com as entrevistas entender, pela

² A disciplina de Produção de Conteúdo em Comunicação Rural da UFSM-FW, foi ministrada em conjunto, sendo o professor Reges Schwaab um dos ministrantes e orientador deste trabalho, desta forma o mesmo não foi incluído como entrevistado.

visão de profissionais, como se dá o espaço do rural na formação, sua importância e seus desafios.

A fim de verificar a viabilidade da entrevista, aplicou-se, primeiramente, um teste piloto, somente com as perguntas base, com a professora doutora Andréa Weber, responsável pela disciplina complementar de graduação “Comunicação Rural”, ofertada no antigo currículo da UFSM-FW.

É válido lembrar que não se obteve retorno do professor responsável pela disciplina “Extensão rural e difusão”, ofertada na ULBRA. Ainda, destaca-se que a escolha dos comentários a serem inseridos no texto no decorrer da análise são selecionados devido seu valor de contribuição à finalidade deste trabalho. A íntegra das entrevistas pode ser visualizada no apêndice A.

3.3.1 A oferta

Quanto aos períodos de oferta da disciplina, em exceção a disciplina de “Jornalismo ambiental e rural” que é ofertada todos os anos aos alunos do sexto semestre do curso de jornalismo da UNICRUZ, as demais possuem períodos de aplicação distintos. Destacamos a disciplina de “Comunicação Rural” ofertada no antigo currículo da UFSM-FW, sendo ministrada pela professora Andréa nos semestres 2009/1, 2009/2, 2010/1, 2010/2, 2011/1, 2012/1 e já ministrada anteriormente pela professora Caroline Casali, a qual não obtivemos retorno do período de aplicação.

No curso de Jornalismo da UPF, a disciplina de “Jornalismo no Agronegócio”, que já foi obrigatória, é ofertada de forma opcional aos alunos do sétimo semestre do curso. Porém, nos últimos cinco anos, ela foi ministrada apenas no semestre 2019/2 e, conforme previsões, ela será ofertada novamente em 2022/1. A mais recente disciplina ofertada de forma optativa na UFSM-FW, “Produção de conteúdo em comunicação rural”, foi ministrada no primeiro semestre de 2020 aos alunos acima do quinto período.

A disciplina ofertada na UPF apresenta diferenças das demais quanto ao formato de ministração, sendo a única somente com conteúdo teórico. No entanto, conforme informações da professora Nadja Maria Hartmann (2021), durante a disciplina são acrescentadas entrevistas coletivas com pesquisadores, visitas a propriedades e centro de pesquisas e avaliação com produção de reportagem em formato livre.

Em exceção a disciplina ofertada na UPF, as demais aqui em análise possuem seus conteúdos divididos entre teoria e prática, contudo, ambas tiveram períodos diferentes de aplicação, sendo que uma teve seu programa adaptado ao ensino remoto devido a pandemia de Covid-19. A disciplina ofertada na UNICRUZ, por exemplo, por ser ofertada presencialmente, atua com cobertura de eventos e visitas a campo, conhecendo a linguagem do produtor e possibilitando “[...] fazer com que o nosso conteúdo seja útil para que o produtor resolva os seus dilemas ou tenha uma confiança no nosso conteúdo para que ele possa optar dentro da sua propriedade para o caminho A ou B” (LUDWING, 2021).

O contato direto com o produtor e o campo não foi algo possível para a disciplina de “Produção de conteúdo em comunicação rural”, ofertada na UFSM-FW, que logo no início teve que ser adaptada ao ensino remoto. Com conteúdos pensados e debatidos de forma coletiva, a disciplina focou em produtos de comunicação digital, como produções multimídias para as redes sociais e podcast produzidos de forma totalmente online.

Apesar da divergência de aplicação das disciplinas, os docentes consideram essencial o desenvolvimento de ações práticas. Conforme Foletto (2021), somente com a prática os discentes poderão “[...] visualizar as possibilidades de produção de conteúdos para a comunicação rural e, assim, no futuro, possam incorporar as experiências da disciplina e suas atividades profissionais”.

Hartmann (2021) destaca que é a partir da prática que se obtém a “[...] capacidade para “traduzir” a linguagem do agro, com uma postura crítica diante dos diferentes aspectos que envolvem a atividade, com um olhar macro que permita a contextualização das pautas”.

3.3.2 O conteúdo

No que diz respeito aos temas trabalhados e seus critérios de escolha, a disciplina ofertada na UPF priorizou por não aprofundar questões técnicas voltadas às culturas, mas sim, em oportunizar um panorama geral dos principais temas que os alunos depois de formados poderiam se deparar ao cobrir a editoria, com destaque a toda cadeia produtiva do agronegócio, incluindo a pequena, média e grande propriedade; comercialização, gestão e logística.

Na disciplina “Produção de conteúdo em comunicação rural”, ofertada na UFSM-FW, os temas foram selecionados a partir de pesquisas realizadas pelos docentes anteriormente e avaliados pela possibilidade de utilização da discussão teórica no desenvolvimento de produções comunicacionais. Em semelhança, a “Comunicação Rural”, ofertada na mesma

instituição, também possui motivações pessoais para a escolha dos temas, vindas da dissertação de mestrado com jornais de assessoria de imprensa de cooperativa rural realizada pela docente responsável.

A escolha da bibliografia foi motivada, na maioria dos casos, pela escassez de conteúdos relacionados à temática, conforme afirmam as professoras Weber e Hartmann. “As minhas escolhas bibliográficas, elas foram motivadas, sobretudo, pela existência de material sobre comunicação rural, já que o material na época era escasso, disperso e antigo” (WEBER, 2021).

Ainda, as escolhas da bibliografia são justificadas pela busca de pesquisadores clássicos que aliam a teoria e a prática em suas obras, como Juan Diaz Bordenave e Paulo Freire, com o intuito de embasar as discussões das disciplinas.

3.3.3 A procura e a relevância

Os estudantes que procuram as disciplinas optativas, conforme observações dos docentes, possuem de fato o interesse na temática e buscavam aprofundar os seus conhecimentos na área rural. Ainda, muitos deles possuíam experiências pessoais e profissionais na área, o que contribuía também nas discussões da disciplina.

Por fim, ao serem indagados quanto à relevância da disciplina para o contexto onde a Universidade está inserida, obteve-se opiniões similares. Os docentes, de forma unânime, acreditam que a disciplina é importante na proximidade entre universidade e comunidade, bem como para a formação de futuros profissionais que vão trabalhar com questões locais.

Weber (2021) destaca que as disciplinas voltadas à temática rural não apresentam grande procura e que a real valorização do assunto só é dada a partir do contato com o mercado.

Muitos alunos, depois de formados, dizem que a disciplina ajudou na vida profissional, pois no início da carreira, eles foram trabalhar aqui na região ou em cidades do interior em que as pautas giravam muito em torno da vida/economia rural. Do mesmo modo, já ouvi alunos falarem da falta que fez cursar algo na área rural, pois no mercado de trabalho tiveram que trabalhar muito nessa área (WEBER, 2021).

Para Foletto (2021) a ideia da disciplina é estimular a produção de conteúdos sobre o rural, problematizando “boas práticas de comunicação voltadas ao campo, no sentido de que isso possa ser incorporado na vida profissional dos futuros jornalistas e relações públicas, de modo que se atenuem esse distanciamento com um setor e com uma população”.

3.4 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE - JORNALISTAS

Inicialmente, ao delimitarmos a temática da pesquisa e seus métodos, a entrevista com os profissionais não foi um dos recursos definidos. No entanto, devido à baixa presença da temática rural na formação, conforme dados apresentados anteriormente, entendemos que os relatos de profissionais são de suma importância para compreender como ocorreu o contato com o tema e, se o conteúdo abordado durante a formação é suficiente para aprimorar ou despertar a vontade de trabalhar com o jornalismo rural.

3.4.1 A definição e os sujeitos

Duarte (2005) expõe que em pesquisas qualitativas a quantidade de fontes é menos importante do que a capacidade delas responderem ao problema proposto pela pesquisa: “São preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo” (2005, p. 68). Conforme o autor, o pesquisador deve considerar se os entrevistados selecionados realmente podem contribuir com o tema, ou seja, a definição das pessoas a serem entrevistadas depende do julgamento do pesquisador, por conveniência ou intencional.

Nessa pesquisa utilizaremos a definição intencional, na qual “[...] o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (DUARTE, 2005, p. 69). Selecionamos, inicialmente, os jornais impressos *Correio do Povo* e *Zero Hora* como objetos de estudo. A justificativa da escolha se deve ao fato de serem jornais de referências no estado do Rio Grande do Sul, considerando o número de leitores e a tiragem diária. Além disso, ambos os jornais circulam em todo o estado disputando o mesmo público e possuem espaços destinados à cobertura rural.

Fundado em 1895, o jornal *Correio do Povo*, pertencente ao grupo Record, possui circulação de segunda a sábado e com sede em Porto Alegre. Conta com dois parques gráficos estrategicamente localizados para otimizar a distribuição nos 439 municípios do Rio Grande do Sul, e nos estados de Santa Catarina e Paraná. Com 126 anos de história, é um dos mais tradicionais títulos da imprensa brasileira (CORREIO DO POVO, s/a).

O *Jornal Zero Hora*, também conhecido por ZH, foi fundado em 1964, possui circulação de segunda a sábado, é editado em Porto Alegre e conta com uma sucursal em Brasília. Em 2017, o Grupo RBS lançou o jornal digital GZH, convergindo o conteúdo jornalístico da *Rádio Gaúcha* e do jornal *Zero Hora* na internet, substituindo os antigos websites dos dois veículos e permitindo a produção de conteúdo exclusivo de ambos para o meio digital. Com 11 cadernos,

mais de 70 colunistas e equipes segmentadas é considerado o maior jornal do Rio Grande do Sul (ZERO HORA, s/a).

Com a definição dos veículos, conseqüentemente, definiu-se os sujeitos entrevistados, sendo estes os responsáveis pelos espaços dedicados à temática rural. O primeiro entrevistado, Elder Ogliari, 60 anos, possui formação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui breve experiência na área rural durante sua atuação como correspondente do O Estado de São Paulo e como repórter da Gazeta Mercantil e do Jornal Repórter. Em 2015, foi convidado a ser editor rural do Correio do Povo, permanecendo até o momento.

A segunda entrevistada, Gisele Loeblein, 41 anos, é natural de Lajeado (RS) e possui formação em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha há 21 anos no Grupo RBS, sendo destes 11 anos dedicados ao agronegócio. Em 2013, assumiu a coluna diária Campo Aberto e participou da reformulação do caderno Campo e Lavoura. Faz também comentários diários na Rádio Gaúcha e participações na RBS TV.

3.4.2 Do percurso à análise

Ambas as entrevistas foram realizadas de forma on-line, por meio da plataforma Google Meet, conforme a disponibilidade dos entrevistados. A primeira entrevista, realizada no dia 25 de setembro de 2021, com o jornalista Elder Ogliari, teve duração de 62 minutos. Com data e tempo próximos, a segunda entrevista, realizada com a colunista Gisele Loeblein, teve duração de 67 minutos e ocorreu no dia 27 de setembro de 2021.

Da mesma forma das entrevistas realizadas com os professores, utiliza-se da técnica da entrevista em profundidade semiaberta, na qual foram definidas perguntas bases capazes de atingir nosso objetivo de compreender como ocorreu o contato com o rural e a existência da temática na formação. As oito perguntas base são elencadas a seguir:

Durante a graduação em Comunicação/Jornalismo cursou alguma disciplina voltada exclusivamente para a Comunicação ou Jornalismo Rural? Se cursou, obrigatória ou optativa?

1. Realizou alguma especialização na área?
2. Qual era sua área de interesse durante a graduação para trabalhar?
3. As informações e o conhecimento obtidos durante a graduação foram/são suficientes para desempenhar suas funções no mercado de trabalho?
4. Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural?

5. Acredita que exista necessidade de ter disciplinas voltadas para a área rural durante a graduação em jornalismo?
6. Acredita que a população é bem informada sobre assuntos relacionados ao campo?
7. Pensando na sua equipe, como é o trabalho com os repórteres que não tiveram preparação para a área? O jornal é responsável por “formar” os jornalistas nessa área?

Ressalta-se novamente que, nesta modalidade de entrevista, as perguntas surgiram à medida que o diálogo acontecia, possibilitando a flexibilidade para aprofundar ou confirmar novas informações apresentadas.

Ambas as entrevistas foram transcritas e são apresentadas no apêndice (APÊNDICES B e C). Feito isso, as respostas das perguntas e seus desdobramentos foram divididos em quatro blocos, conforme semelhanças e discordâncias apresentadas pelos entrevistados. O trabalho tem continuidade a partir da interpretação dos relatos cedidos pelos jornalistas, com aporte nos apontamentos teóricos já discutidos nesta pesquisa.

3.4.2.1 Sobre a formação em jornalismo rural

Com relação ao conhecimento obtido durante a graduação, a pesquisa mostrou que ambos os profissionais entrevistados apresentaram um descontentamento sobre a abordagem da comunicação e do jornalismo rural durante o curso. Os profissionais destacaram que a graduação serviu como base para que a profissão de jornalista fosse exercida, porém, no quesito segmentado, rural, a abordagem foi inexistente.

Elder Ogliari destaca que não se falava em comunicação rural durante a graduação e não recorda de nenhum colega com o desejo de querer ser um repórter/jornalista que faz cobertura em rural. Ainda, menciona que na época de sua formação e no início de sua carreira, a temática era um nicho nas redações “Eram sempre homens meios escanteados da redação, eles não estavam normalmente naquele fervor que as redações tinham de constante troca de informações” (OGLIARI, 2021).

Os profissionais entrevistados não possuem especializações voltadas a área de atuação profissional, contudo, ambos demonstraram interesse e justificaram não terem buscado a especialização devido à falta de tempo. Gisele Loeblein menciona a participação de treinamentos nacionais e internacionais voltados à temática, mas afirma que “a gente vai se formando na rotina do dia a dia” (LOEBLEIN, 2021).

3.4.2.2 Sobre a atuação em jornalismo rural

Neste tópico, propomos conhecer como é ser jornalista rural e a relação da formação com o cargo ocupado atualmente. Ao serem questionados sobre seus interesses de atuação profissional durante a graduação, os entrevistados apresentaram desejos diferentes, mas ambos pontuam nunca se imaginarem atuando com a temática rural. Ogliari (2021) confessa que durante sua carreira acabou atuando mais em áreas que não imaginava atuar. Com o desejo, ainda de estudante, de trabalhar com esportes ou com a editoria geral, o jornalista passou maior parte da profissão atuando com cobertura política e economia, além de transitar brevemente por outras inúmeras temáticas até ser convidado a assumir a editoria rural.

Com o mesmo desejo da maioria dos estudantes de jornalismo, Gisele objetivava trabalhar com TV, mas “O meu primeiro convite para ser jornalista veio de um professor, para ingressar no jornal e cobrir polícia, eu nunca quis cobrir polícia, já tive que cobrir algumas vezes, mas eu topei porque era o jeito de eu entrar na coisa” (LOEBLEIN, 2021).

Com passagens nas editorias de polícia e de mundo, foi na participação da força tarefa da Expoiner de 2009 que a jornalista sentiu “uma conexão, digamos assim, à primeira vista”. Desde a sua participação na Exposição internacional de animais, máquinas, implementos e produtos agropecuários, Gisele nunca mais deixou de atuar na área rural. Inicialmente, a jornalista foi convidada a ingressar na editoria de economia com enfoque ao rural, até assumir definitivamente a coluna e outras funções voltadas à temática.

Apesar dos entrevistados alegarem que os conhecimentos obtidos durante a graduação não foram suficientes para atuarem na área rural, ambos consideram que a universidade foi fundamental no processo de formação profissional com senso crítico e no estímulo a buscar sempre novos conhecimentos. Loeblein (2021) destaca que a universidade oportunizou ser uma jornalista com capacidade de fazer leitura das situações, de avaliar, de buscar as informações e trabalhá-las de forma analítica.

Ainda, ambos os entrevistados não consideram as disciplinas técnicas fundamentais durante a formação, justificando seus posicionamentos com o avanço constante da tecnologia. Loeblein (2021) cita, por exemplo, o surgimento dos influenciadores digitais do agronegócio, ou também denominados "agroinfluencers". Um novo formato de comunicação, no qual profissionais atuantes ou não na área aliam aos seus perfis, principalmente no *Instagram* e *Youtube*, informações e conteúdos relevantes ao público rural e urbano.

Tendo em vista isso, Ogliari (2021) defende que foram as disciplinas de conhecimentos gerais, como de sociologia e história que possibilitaram enfrentar a rotina jornalística.

[...] o que deu bagagem mesmo para sair pelo mundo fazendo matéria e tendo uma média de compreensão para depois transformar em textos legíveis, porque a técnica até dentro de uma redação dá para aprender, você sabe que tem que fazer um lead, um sublead, um título, uma legenda, isso não que não seja importante, mas eu acho que o que dá bagagem para você abordar tantos temas, como eu pelo menos tive que abordar na minha trajetória, é mais esse conhecimento geral mesmo.

Ao ser questionado sobre o jornal ser responsável por “formar” os jornalistas que não tiveram preparação na área rural, Ogliari defende que a partir dos conhecimentos básicos, citados anteriormente, cabe ao profissional ou estagiário buscar esclarecer do que não sabe ao leitor. Com uma opinião contrária, Loeblein diz que a ideia é poder oferecer uma formação dentro da redação capacitando os profissionais muito mais a serem jornalistas do que na cobertura rural especificamente.

3.3.2.3 *Sobre o ensino em jornalismo rural*

Nesta unidade, a análise objetiva compreender a posição dos profissionais quanto a necessidade de formação especializada na área. Ambos os profissionais entrevistados acreditam que as universidades preparam os acadêmicos para atuarem com conteúdos gerais, sem orientações segmentadas. “[...] são tantas áreas contempladas pela cobertura jornalística e eu acho que a faculdade de jornalismo não tem nem pernas para abarcar todo esse universo de uma forma muito específica.”, evidencia Loeblein (2021).

A jornalista destaca que o jornalismo rural carece de bons profissionais, mas relaciona esta falta à realidade do mercado de trabalho. Loeblein (2021) afirma: “Se tu for olhar, hoje, a gente tem pouquíssimos veículos de massa, veículos gerais, com cobertura nesse segmento”. E, acrescenta, ainda: “Eu acho que é muito mais reflexo do mercado do que da falta de formação na universidade no caso”.

Apesar de ambos os profissionais afirmarem que a universidade prepara o acadêmico para ser um bom profissional e não um profissional especializado, ao mesmo tempo os entrevistados acreditam que exista sim a necessidade de um conhecimento mais aprofundado na temática rural. Ogliari (2021) enfatiza a alimentação como um assunto de interesse mundial, indo além da produção e afetando diretamente a economia.

Para Loeblein (2021), todo conhecimento que se for possível obter sempre será válido e, além de matérias especializadas neste setor, acredita que exista a necessidade de investir em

matérias de política internacional, de macroeconomia e microeconomia, pois são conhecimentos que, independentemente da área, agrega para o profissional de jornalismo.

Quando questionada sobre quais conteúdos e assunto denominaria como essenciais em uma disciplina voltada ao rural, Loeblein (2021) destacou a necessidade de conhecimento de informações básicas, como a relevância desse segmento para a economia, a identificação das atividades que compõem o setor rural e as etapas da produção “o antes da porteira, o dentro da porteira e o depois da porteira”. A jornalista sugere, do mesmo modo, para além desta disciplina, o conhecimento de noções básicas de matemática e estatística, destacando a presença de cálculos na sua rotina jornalística.

Ogliari, por sua vez, define a história como assunto essencial para uma disciplina de comunicação rural. Menciona conteúdos voltados a ocupação agrícola, a monocultura, a ocupação territorial do estado como noções “[...]que qualquer jornalista deveria ter, mesmo que ele não vá cobrir rural, isso pode aparecer na política, nas artes, etc” (OGLIARI, 2021).

3.3.2.4 Observações dos jornalistas sobre jornalismo rural

Nesta seção procuramos saber, principalmente, a opinião dos profissionais sobre a população ser de fato bem informada dos assuntos do campo. Para ambos os entrevistados existem falhas nesta comunicação e diversos fatores são apontados como motivos para essa lacuna no diálogo.

O jornalista Elder Ogliari considera que a imprensa apresenta assuntos rurais gerais, que possuem maior abrangência, deixando “escapar” diversos assuntos. Ele compara a cobertura rural com a cobertura esportiva, destacando que

“[...]a gente não consegue dar uma cobertura, comparando com o esporte que ao meu gosto é até um exagero, porque se o jogador ta com o dedo inchado você fica sabendo que foi pro médico, o médico previu 3 dias de repouso, que colocou tala de gesso, na realidade são coisas que me parecem um tanto ilustres. A gente não dá esse detalhe na cobertura do rural, eu acho que nesse caso escapa muitas coisas, fica se devendo ao leitor.”

Ogliari (2021) acredita que o impasse entre o diálogo da população com os conteúdos do campo está relacionado à ausência de correspondentes regionais. Justifica aqui as questões financeiras dos veículos de comunicação e a praticidade da tecnologia, afinal, atualmente a maioria das informações rurais, e também de outras editorias, são decorrentes de releases e suporte de instituições ou empresas. "A gente é muito pautado pela informação que chega na

redação e não aquilo que eu acho que deve ter de informação, que é buscada na comunidade, que não depende de release, de assessoria de imprensa” (OGLIARI, 2021).

O jornalista acima citado relembra que durante sua atuação no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2002 a 2015, existia uma equipe, constituída de motorista, fotógrafo e repórter, que faziam longas viagens para a realização de matérias, possibilitando outras perspectivas para as pautas. Com o passar do tempo o jornalista acabou sendo responsável por todas as funções da equipe, se adaptando à nova e dinâmica rotina jornalística e às inúmeras possibilidades e impossibilidades que um aparelho celular pode fornecer.

Atualmente, Ogliari (2021) destaca que a comunicação rural é baseada na atuação da Emater, instituto responsável por promover o desenvolvimento rural sustentável. A instituição, em especial, repassa a pauta, fornece fontes, presta esclarecimentos técnicos e, na maioria das vezes, fornece o material visual para divulgação. Contudo, esse aporte da instituição, bem como de outras tantas, aliado ao constante avanço da tecnologia “Cria a facilidade e retira aquilo que nos dava a possibilidade de estar com as pessoas, e as boas matérias sempre nascem do contato direto” (OGLIARI, 2021).

Já a jornalista Gisele Loeblein (2021) acredita que existe “uma lacuna de informação entre esses dois meios, o urbano e o rural, e acho que as duas partes precisam melhorar nessa interação, as pessoas precisam estar mais receptivas para ouvir”. A jornalista destaca que cabe ao setor rural se dispor a traduzir um pouco mais da sua realidade, possibilitando que o público leigo possa compreender sobre os assuntos do campo.

Loeblein também expõe que existem vários canais de comunicação (canal geral, canal específico/especializado e canal técnico) e todos esses canais podem contar com jornalistas e conteúdo da área, mas, que se deve ter consciência que os conteúdos disponibilizados em um jornal técnico não serão os mesmos em um jornal de massa ou em um veículo diário, assim como os conteúdos que entram em uma revista especializada não vão entrar na mídia convencional.

Ainda, a jornalista ressalta que, aliada a aceleração do meio rural na utilização de ferramentas virtuais estão as novas plataformas de trabalho jornalístico, cabendo aos profissionais explorar tais ferramentas. “Para mim um bom jornalista é quem sempre está disposto a aprender, nesse setor não é diferente quanto em qualquer outro, a pessoa precisa estar

disposta a aprender sempre e nunca achar que sabe tudo, porque ninguém sabe tudo.”
(LOEBLEIN, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender quais são os espaços para a comunicação rural durante a formação nos cursos de Jornalismo do Rio Grande do Sul foi a inquietação inicial e central para a elaboração deste trabalho. Por meio do uso das metodologias de análise documental e entrevista em profundidade, foi possível refletir sobre diferentes aspectos e possibilidades para a formação em comunicação rural no estado, a situação atual do tema e elaborar indicativos sobre sua necessidade, considerando a realidade gaúcha e nacional.

Inicialmente, aponta-se que os métodos adotados como análise documental e entrevista em profundidade mostraram-se adequados ao contexto de restrições aos contatos pessoais impostos pela pandemia de Covid-19 (contexto no qual a pesquisa foi realizada), uma vez que possibilitaram que a coleta de informações e dados pudesse ocorrer de forma totalmente on-line e sem necessidade de visita presencial às instituições de ensino ou aos profissionais entrevistados. Todavia, cabe salientar as dificuldades encontradas para a realização deste estudo. Realizado de forma totalmente virtual, a coleta de dados com coordenadores e professores foi, sem dúvidas, o processo mais exaustivo e, de certa forma, frustrante de toda a pesquisa. Apesar das dezenas de e-mails enviados, da busca pelas redes sociais, das inúmeras ligações e da insistência em quase um ano de coleta de dados, ainda assim não foi possível obter todas as informações básicas desejadas.

Contudo, a partir das informações coletadas, conforme relato nos capítulos anteriores, buscando responder os objetivos desta pesquisa, o estudo pode ser apresentado aqui em quatro partes, interligadas. Inicialmente, como base para o desenvolvimento de todo o restante da pesquisa, analisou-se a estrutura curricular dos cursos de jornalismo do Rio Grande do Sul. Dentre os currículos das 22 universidades do estado, em apenas quatro instituições de ensino foram encontradas disciplinas que fizessem referência ao rural.

Em um segundo momento, por meio da análise documental realizada com as ementas das disciplinas identificadas, evidencia-se o fato de somente uma disciplina ser de caráter obrigatório; as demais são ofertadas de forma optativa e algumas encontram-se inativas, não sendo ofertadas há cerca de dois anos. Com a pesquisa, é perceptível que a comunicação e o jornalismo rural não são abordados de maneira eficaz nas universidades. A formação e capacitação dos jornalistas para atuar no meio rural e agronegócio parece ter sido ignorada nos cursos de comunicação, mesmo aqueles localizados em regiões eminentemente agrícolas, como é o caso da região do Pampa.

Na sequência, as entrevistas em profundidade realizadas com os docentes responsáveis pelas disciplinas sempre chegaram a um mesmo ponto: a importância do ensino em jornalismo/comunicação rural na formação de futuros profissionais que irão atuar com questões locais. Os resultados demonstram a necessidade de aprofundar os estudos voltados ao segmento rural nas universidades, principalmente por meio do contato entre a universidade e o campo, o que foi reivindicado por ambos professores entrevistados. Parece também haver uma carência de bibliografia atualizada e as temáticas ambientais, da sustentabilidade e da agroecologia, emergem como temas importantes na abordagem dos professores.

O contato com os profissionais atuantes com o jornalismo rural no estado, também realizado por meio de entrevistas em profundidade, demonstraram a presença de lacunas que prejudicam a abordagem do tema na universidade, o que acaba refletindo na atuação do profissional. Sem contato com a temática durante a graduação, ambos os jornalistas destacam a necessidade de profissionais preparados para atuar com o segmento rural, capacitados para se comunicar com o homem do campo. Para os entrevistados, disciplinas de conhecimentos gerais e históricos sobre o rural são de grande valia e poderiam qualificar os profissionais para tal atuação.

Embora reconhecendo que não se é possível aprofundar todas as áreas de atuação do jornalismo especializado durante a graduação, acredita-se que, pela necessidade de recursos humanos técnicos, ela deve ser abordada como uma especialização optativa em escolas onde já existam cursos do setor agrário e cujo entorno possa oferecer ao aluno condições de um contato mais próximo possível com as especificidades rurais.

O público rural precisa se adequar às novas tecnologias e facilidades para sobreviver e participar de um mercado cada vez mais aguerrido comercialmente, o que só é possível com informações adequadas e permanentes, fornecidas por comunicadores especializados na área. É nesse contexto que os cursos de jornalismo do estado devem intervir e assumir o seu papel como agente transformador e renovador da sociedade, identificando as reais necessidades sociais do mundo rural no seu entorno. Ou seja, preparar os profissionais de comunicação para atuar nesse setor é também conscientizá-los de que, ao abordar a agricultura, de forma qualificada, com seriedade, ética e pluralidade, estarão contribuindo para o desenvolvimento local e nacional.

As reflexões dos estudiosos da comunicação rural no Brasil em união aos resultados apresentados nesta pesquisa, demonstram a necessidade de as universidades com um entorno agrícola reverem seus conceitos sobre a comunicação rural. No entanto, acredita-se que novos aprofundamentos devem ser feitos, objetivando compreender a partir do público consumidor a qualidade das informações que lhes são direcionadas.

Desta forma, sugere-se que estudos futuros incorporem em suas pesquisas a visão de um número maior de profissionais que atuam diretamente com a comunicação rural, de modo a mapear as lacunas e dificuldades de atuação nesta área. Tal mapeamento pode servir como parâmetro para que os cursos de graduação consigam atacar tais lacunas, seja pela incorporação de disciplinas específicas em seus currículos, seja pela oferta de minicursos, palestras ou workshops, ou projetos de pesquisa e extensão, que tenham enfoque na temática rural.

REFERÊNCIAS

- ABIAHY, A. C. de A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 14. Dez 2020
- BORDENAVE, Juan. Díaz. **O que é comunicação rural**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BRAGA, G. M. CARVALHO, G. B. de. **O futuro da comunicação rural**. Universidade Federal de Viçosa, 1999. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/9909361-O-futuro-da-comunicacao-rural.html>>. Acesso em: 20. Nov 2020
- BRASIL. Ministério da Educação. Comissão de Especialistas. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. Portal do MEC, Brasília, fev./2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13063-pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Comissão de Especialistas. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo - Resolução**. Portal do MEC, Brasília, set./2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Comissão de Especialistas. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo – Relatório**. Portal do MEC, Brasília, set./2009. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>.
- CARVALHO, G. B de. **Jornalismo rural na comunicação social do vale do paraíba**. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 2001. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/11362/1/texto%20completo.PDF>>. Acesso em: 18. Nov 2020
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CORREIO DO POVO. **Mídia Kit**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://portal.correiodopovo.com.br/Publicidade/pdf/MIDIAKIT2021.pdf>>. Acesso em 10. Dez 2021.
- DASSIE, C. Eu, jornalista rural. **Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos**. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, n. 31, 1999. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7893/6622>>. Acesso em: 05. Dez 2020
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

FEIX, Rodrigo D.; LEUSIN JÚNIOR, Sérgio. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2019**. Porto Alegre: SEPLAG, DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2019.

FERREIRA, L. C. A; SILVA, A. C. de A. **Jornalismo no Agronegócio: o campo em notícia. Intercom**. Frutal, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

FROELICH, D. **Acesso à informação por agricultores assistidos pela EMATER/RS ASCAR e sua influência na tomada de decisões**. 2009. Dissertação (Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento E Políticas Públicas) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, Cerro Largo, RS, 2019.

GONÇALVES, J. A. B. **Publicidade no agronegócio: Diferentes estratégias persuasivas**. Marília, Universidade de Marília – UNIMAR, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9582965-Universidade-de-marilia-unimar-faculdade-de-comunicacao-educacao-e-turismo-pos-graduacao-em-comunicacao-e-estudos-de-linguagens.html#show_full_text>. Acesso em: 27. Nov 2020

GRUPO RBS. **Zero Hora**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>. Acesso em 10. Dez 2021

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pesquisa/24/76693>. Acesso em 1. Nov 2020

MANTELLI, Jussara. Organização do meio rural do estado do Rio Grande do Sul – Brasil. In: **Observatório Geográfico de América Latina**. Blog. S/a. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiarural/14.pdf>> Acesso em 19. Dez 2020.

MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: **XXXII congresso brasileiro de ciências da comunicação**. Resumos... Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>>.

_____. O espaço da comunicação rural nas escolas de comunicação social. In: BRAGA, G. M.; KUNSCH, M. M. K. (Orgs). **Comunicação Rural: Discurso e Prática**. Viçosa: Editora Universitária, 1993, p. 73-78.

_____. A batalha da qualidade no ensino de comunicação: novos (antigos) desafios. In: KUNSCH, Margarida (org.). **Ensino de comunicação: qualidade na formação acadêmico profissional**. São Paulo: ECA-USP: Intercom, 2007.

MIGUEL, Lovois de Andrade. Entre os campos e as florestas: origem e evolução da agricultura no Rio Grande do Sul/Brasil. In: **Séminaire franco-brésilien - Dialogues contemporains sur la question agraire et l'agriculture familiale au Brésil et en France**. Anais de evento. Paris: 2013.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 269-279.

MUSSOI, E. M. **Extensão rural: uma contribuição ao seu repensar**. Santa Maria, Revista Centro de Ciências Rurais, 1985. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/revistaccr/index.php/RCCCR/article/view/549/547>>. Acesso em: 20. Nov 2020

PIMENTA, C. P. **Jornalismo e Divulgação Científica: Uma análise de reportagens sobre ciência e tecnologia em um programa rural da televisão brasileira**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/petian-caroline-jornalismo-divulgacao-cientifica.pdf>>. Acesso: 21. Dez 2020.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v.1, n.1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 29. Dez 2020.

SILVA, Gislene. **Pesquisa da pesquisa: Crítica de teses e dissertações em comunicação rural (1978-1988)**. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP), 2019. Disponível em: https://midiato.files.wordpress.com/2020/04/silva_gislene_pesquisa-da-pesquisa.pdf>. Acesso em: 29. Nov 2020

SILVA, M. L. C. R. da. **Conversa com o homem do campo: análise da abordagem à comunicação e ao jornalismo rural nos Cursos de Jornalismo em Campo Grande – MS**. Campo Grande, UFMS, 2018. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/108083435-Universidade-federal-de-mato-grosso-do-sul-ufms-centro-de-ciencias-humanas-e-sociais-programa-de-pos-graduacao-em-comunicacao.html>>. Acesso em: 27. Nov 2020

SULZBACHER, Aline W. A estrutura produtiva agrícola e pecuária no Rio Grande do Sul: natureza, ocupação e políticas de desenvolvimento. In: **Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária – Territórios em disputa: os desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro**. Anais de evento. Uberlândia: UFU, 2012. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1333_1.pdf> Acesso em 19. Dez 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo Vol. I**. Florianópolis: Insular, 3 ed. 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A: RELAÇÃO DE RETORNOS OBTIDOS DAS UNIVERSIDADES QUANTO A PRESENÇA DE DISCIPLINAS VOLTADAS AO SEGMENTO RURAL

Universidade	Retorno	Presença de disciplina
Universidade de Passo Fundo (UPF)	E-mail	Optativa
UFSM - Campus Frederico Westphalen	E-mail	2 Optativa(antiga e atual)
Universidade de Cruz Alta (Unicruz)	Instagram	Obrigatória
Universidade Luterana do Brasil (Ulbra)	E-mail	Optativa(2015-2019)
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Sul)	E-mail	Não
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	E-mail	Não
Universidade Federal do Pampa (Unipampa)	E-mail	Não
Faculdade da Serra Gaúcha (FSG)	E-mail	Não
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	E-mail	Não
Feevale	Instagram	Não

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	E-mail	Não
Universidade de Caxias do Sul (UCS)	E-mail	Não
Universidade Católica de Pelotas (UCPel)	E-mail	Não
Faculdade São Francisco de Assis (Unifin)	Instagram	Não
UniRitter	E-mail	Não
Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)	Facebook	Não
Universidade Franciscana	E-mail	Não
Centro Universitário Univates	E-mail	Não
Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí)	Instagram	Não
Universidade Região da Campanha (Urcamp)	SEM RETORNO	—
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	SEM RETORNO	—
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	SEM RETORNO	—

APÊNDICE B: ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM ELDER OGLIARI
(25/09/2021)

- Breve histórico profissional / conte sua trajetória.

Eu sou um veterano, quase olhando para a porta de saída da profissão, mas eu comecei em 85 logo depois que me formei e casualmente a primeira matéria que fiz como jornalista profissional foi sobre o dia do agricultor em Mariana Pimentel, para um jornal de Guaíba no qual estava fazendo um freelancer e logo depois fui contratado, então trabalhei lá no Jornal Repórter em Guaíba, depois o jornal distribuiu nas estações de metrô de POA, chamado Metrô, tem o mesmo conceito desse Metrô que lançaram a pouco tempo em POA e é muito distribuído na Europa, lembro que Madri tinha pilhas todos os dias nas estações de metrô. Depois fui fundador do Diário Catarinense, chefe de redação em Chapecó, fiquei 6 meses, ai fui para Gazeta Mercantil em POA para um projeto novo chamado “Diário Sul” que durou dois anos, foi a minha melhor experiência jornalística até hoje. Fui fundados da Rádio Cultura - FM em POA, trabalhei por cinco anos, trabalhei mais cinco anos na TVE, voltei para a Gazeta Mercantil e fiquei mais cinco anos, sai em 2001, aliás, nos dois últimos anos da gazeta eu trabalhei em Florianópolis como editor chefe regional, depois voltei para POA para ser correspondente do Estado de São Paulo, onde fiquei treze anos, me demitiram em 2015 e desde então estou no Correio do Povo como editor de rural. Esta primeira matéria, depois disso quando eu trabalha em Chapecó, no Diário Catarinense, a gente tinha matéria de rural eventualmente, até com bastante frequência por causa da economia da região. Na faculdade não se falava disso e nem minha intenção profissional era voltada para isso, mas eu tinha um pequeno conhecimento que meu avós eram agricultores, tinha tios agricultores, então tinha uma pequena conexão. Na Gazeta Mercantil em POA é só economia dura mesmo, não que rural não seja, mas casualmente o meu primeiro projeto que peguei lá foi uma cobertura da Expointer, depois disso eu só era chamado para algumas situações que eu era um repórter, não vou dizer especial, um repórter que transitava pelas editorias, então de vez em quando eu era chamada para cobrir a Expointer. Depois dessa experiência, no tempo de televisão e rádio não teve conexão nenhuma. Quando voltei para a Gazeta Mercantil, de vez em quando tinha alguma matéria. No Estado de São Paulo também era de vez em quando, mas com alguma frequência porque o RS tem muita, não é tradição, mas participação muito grande na produção agrícola nacional, seja com o arroz o maior produtor, máquinas agrícolas, soja é gigante e algumas coisas assim que sempre agrada o público, tipo vinho, não sei quantas vezes fui fazer matéria de cultivo de uva e vinho, maçã, então de vez em quando tinha uma conexão com a coisa. No Correio do Povo eu fui convidado para ser editor de rural mesmo, me senti em condições graças às experiências acumuladas anteriormente e é onde estou até hoje.

- Durante a graduação em Comunicação/Jornalismo cursou alguma disciplina voltada exclusivamente para a Comunicação ou Jornalismo Rural? Se cursou, obrigatória ou optativa?

Não se falava nisso na faculdade no meu tempo. Assim, não se via jornalista estudando, os colegas pensando em querer ser um repórter/jornalista que faz cobertura em rural, claro que devia ter algum, mas eu não conheci pelo menos. E nas redações era um nicho, uma coisa muito específica, tinha uma turma da rural nos jornais que trabalhei, sempre era nos primeiros tempos do meu trabalho eram sempre homens meios escanteados da redação, eles não estavam normalmente naquele fervor que as redações tinham de constante troca de informações. Depois foi mudando, hoje até acho que tem mais mulheres cobrindo do que homens. Mas na formação acadêmica não teve nada.

- Qual era seu interesse durante a graduação para trabalhar?

Eu tinha mais interesse, se fosse dizer onde eu queria trabalhar quando eu estava estudando e me formando, era em esportes e em geral, na editoria de geral, economia não passava pela minha cabeça. Eu considero rural uma espécie que faz parte da economia essencialmente, é talvez um apêndice da editoria de economia, embora ela também tenha conexões com pesquisa científica, com costumes, com movimentos sociais e permita constantemente análise sociológica também, mas de um modo geral o que mais conecta com a rural é editoria de economia. Não fazia parte, seria bem secundário no que eu imaginava ser, mas também a economia para mim também não era uma coisa que eu imaginava mas foi onde eu passei a maior parte da minha profissão. Teve um período grande de cobertura política no Estadão, mas no Estadão como correspondente eu também não fazia nada especificamente, então podia estar cobrindo polícia, rural, tinha muita rotatividade, eu acabei transitando mais por áreas que eu não imaginava transitar quando estava largando na profissão, mas acho que foi bom, foi muito legal mesmo não sendo o que eu previa.

- Realizou alguma especialização na área?

Não, não fiz nenhuma especialização. Terminei a graduação e até pensei algumas vezes, mas nunca coincidiu de ter tempo.

- As informações e o conhecimento obtidos durante a graduação foram/são suficientes para desempenhar suas funções no mercado de trabalho?

Não, eu acho que não. Vou te explicar melhor. Os conhecimentos que adquiri na graduação, pelo menos no meu tempo, considero eles muito importantes mas é por um viés que normalmente os jornalistas não consideram, que eu acho que na formação acadêmica foram mais importantes as aulas de outras disciplinas, como sociologia, história, não sei hoje é assim, mas naquele tempo reclamavam que ir pra prática, que é propriamente a técnica, claro a técnica é importante e por isso estávamos estudando, mas o que deu bagagem mesmo para sair pelo mundo fazendo matéria e tendo uma média de compreensão para depois transformar em textos legíveis, porque a técnica até dentro de uma redação dá para aprender, você sabe que tem que fazer um lead, um sublead, um título, uma legenda, isso não que não seja importante, mas eu

acho que o que dá bagagem para você abordar tantos temas, como eu pelo menos tive que abordar na minha trajetória, é mais esse conhecimento geral mesmo. Então, eu vou tentar te resumir assim, o raciocínio lógico que pouco se fala, pelo menos na minha universidade pouco se falava, ele é talvez a coisa mais importante que exista, eu pego muitas matérias na rural mesmo eu pego erros como editor que não é porque a pessoa não conhece como se planta um pé de milho, colhe e comercializada, porque isso dá até para perguntar para o agricultor, que é a pessoa que entende, que explique, mas é a falta de lógica às vezes de pegar e atribuir uma produção de 100 milhões de toneladas a um município que tem 10 mil hectares, isso é impossível em um território tão pequeno, isso não é lógico, lógico seria se a produtividade desses caras seria de 50 mil toneladas por hectare, então esse tipo de conta. Falta muitas vezes esse raciocínio, coloca um número que não corresponde à realidade, isso é muito importante para os jornalistas terem sempre em mente e muitas vezes é mais importante do que saber determinada coisa, porque passar a informação errada em que o leitor pensa que não é possível é muito chato, mas ocorre com bastante frequência.

- Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural?

Não, eu acho que não prepara. Eu acho que prepara para atuar como em generalidades, vamos dizer assim, não tem especificidades, da mesma maneira que não prepara para atuar em esportes, cobertura policial, cobertura econômica, não tem essa orientação por segmento, pelo menos não tinha no meu tempo e acho que não tem até agora, porque eu recebo estagiários e novatos e ninguém vem com isso, vem as vezes alguém que fez especialização depois.

- Pensando na sua equipe, como é o trabalho com os repórteres que não tiveram preparação para a área? O jornal é responsável por “formar” os jornalistas nessa área?

Não, na realidade é aquilo que te dizia antes, você tem aquelas premissas básicas do jornalismo que é saber o que é, como, onde aconteceu e traduzir isso para uma linguagem em que seja fácil pro leitor compreender, então geralmente o nó da questão fica a tua obrigação como repórter de esclarecer aquilo que você não sabe para o leitor, vale isso para a área rural, vale isso para qualquer outra área, mas não há uma formação, nem dentro do jornal nem na academia.

- Acredita que a população é bem informada sobre assuntos relacionados ao campo?

Eu teria que cometer uma inconfidência, eu acho que não, eu acho que a imprensa dá é uma média geral, nós somos bastante atentos lá no correio a uma série de coisas, a dar coisas da agricultura familiar, mas eu diria que no detalhe a gente não consegue dar uma cobertura, comparando com o esporte que ao meu gosto é até um exagero, porque se o jogador ta com o dedo inchado você fica sabendo que foi pro médico, o médico previu 3 dias de repouso, que colocou tala de gesso, que na realidade são coisas que me parecem um tanto ilustres. A gente

não dá esse detalhe na cobertura do rural, eu acho que nesse caso escapa muitas coisas, fica se devendo ao leitor.

- O que “faltaria” neste diálogo?

Faltaria uma coisa que os jornais não tem mais, que é o correspondente na região, porque a pauta determinada pelo release da assessoria, que embora os jornais dependem disso hoje em dia e não é só na rural, tentando te explicar por um exemplo, vamos dizer que em uma determinada cidade do interior do RS tem uma região onde devia ter um correspondente atento às coisas locais a gente não conta com isso e o mundo rural depende muito desse contato direto, hipoteticamente se começa dar uma doença na lavoura de trigo de Pinheirinho do Vale e está dizimando as lavouras, isso seria notícia, mas nós não temos um correspondente aí que perceba isso e que fale com os agricultores, que passe no sindicato e colha as informações, nós vamos saber disso se um dia a EMATER divulgar senão a gente nem fica sabendo. Seria importante saber, botar e divulgar porque isso afeta outros produtores, que está ocorrendo no estado, que é bom estar prevenido, essas coisas assim, alerta até o mercado porque se espalha pode faltar trigo, pode encarecer o pão, então é esse tipo de informação específica colhida com a comunidade a gente não tem, até imagino que antigamente se tivesse porque os jornais tinham mais correspondentes, mais pessoas em pelo menos cidades chaves, cidades cabeças da região. Enfim, devemos isso, é necessário mesmo.

- Acredita que a comunicação rural é dependente da EMATER?

Não só da EMATER, ela é bastante dependente do que chega às redações, a EMATER sim é uma boa fonte de informação, a gente usa muito, nos ajuda sempre que precisa, a gente liga pra lá e eles colocam técnico com a gente explicar, muitas vezes também nos pautam, mas a EMATER é a parte melhor vista, porque a agricultura lida com agricultura familiar, o campo mesmo, então vem muita informação de empresa que fabrica veneno e quer divulgar seu produto, empresa que oferece soluções caras, são gente que podem e devem ser informadas. O que eu quero dizer é que a gente é muito pautado pela informação que chega na redação e não aquilo que eu acho que deve ter de informação, que é buscada na comunidade, que não depende de release, de assessoria de imprensa. Para você ter uma ideia, lá eu me queixo que a gente não faz viagem, a gente tem caderno semanal onde dá para aprofundar melhor o tema, dá para pegar um tema e ir fundo nele, só que assim, até para ter uma foto a gente depende de localizar alguém por telefone e que ele faça a foto pelo celular, quando o certo era colocar um equipe ir até lá, ver, conversar, fazer fotos próprias, porque é desse tipo de ação que nascem as boas pautas. Eu, não sei se ta percebendo, não gosto da história de ser pautado por release, mas é o que acontece, não só atualmente e não só na rural, se amplia para outras editorias.

- No caso o senhor se refere a questões financeiras?

Tanto financeiras como a tecnologia, ao invés dela nos ajudar, ela nos ajuda mas ela também nos prejudica, porque ela cria a facilidade e retira aquilo que nos dava a possibilidade

de estar com as pessoas, as boas matérias sempre nascem do contato direto, não nascem do contato via assessoria. No tempo que eu estava no Estado de São Paulo o jornal investia em viagem, eu viajei muito, até interior de Santa Catarina, as vezes Uruguai, e isso era bom, dava outras perspectivas para as pautas, mas depois de um tempo eles me mandaram um celular que fazia tudo, vídeo, foto, etc, daí começaram me mandar sem fotógrafo e às vezes eu tava em uma cidade já estressado para resolver aquele material e já vinha uma ordem vai parar cidade e faz outra coisa, porque antes da tecnologia não existiria isso, existiria uma equipe, um motorista, um fotógrafo, um repórter que pronto o material voltaria para a redação, redigiria isso e só depois iria para outra coisa. Então é essa tecnologia que faz o que faz hoje, é ligar pro sindicato de Pinheirinho do Vale e dizer pra acharem um agricultor que estaria plantando trigo esse ano, aí eles gentilmente nos concedem, aí depois tem que pedir o favor de enviarem uma fotografia que eles mesmo fazem, que nos mandem via WhatsApp, isso é uma facilidade mas é uma coisa que retira esse contato onde geram as melhores informações.

- Acredita que exista necessidade de ter disciplinas voltadas para a área rural durante a graduação em jornalismo?

Acho que em estados como o RS seria bom, pelo menos uma noção geral do que é seria bom que se estudasse, mas é o que eu te digo, o leitor de automobilismo por exemplo, de corridas, ele vai querer um repórter especializado nisso, a faculdade não vai dar isso, vai ter que de certa forma aprender por fora, não querendo comparar a importância que tem uma corrida de carro com a agricultura, mas de certa forma a faculdade não se interessa muito em dar essas noções, agora no caso da cobertura rural no RS eu acho que é muito mais importante que uma corrida de carro, no Brasil também, porque envolve alimento, envolve o que tu vai gastar no supermercado, envolve o que o agricultor precisa saber, as informações necessárias na hora de plantar uma cultura ou outra, e na importância que tem na economia, se quebra uma safra no RS a importância que tem na economia do país, muitas vezes faço matéria com rombo na economia por causa de uma estiagem prolongada no estado, aí sim, mas a especialização dificilmente seria ofertada na faculdade na graduação, talvez na pós graduação. Você pensa o cara já investiu seu tempo, seu dinheiro por 4 anos e está precisando ingressar no mercado de trabalho e as possibilidades que ele tem para a largada, se ele for largar dizendo que é um jornalista especializado e voltado para a cobertura da agropecuária, ele já limitou imensamente suas chances de ingressar no mercado, tanto que o meu primeiro convite para ser jornalista veio de um professor, para ingressar no jornal e cobrir polícia, eu nunca quis cobrir polícia, já tive que cobrir algumas vezes, mas eu topei porque era o jeito de eu entrar na coisa. A segunda coisa é que ser especialista limita o mercado a isso, tudo bem, porque o mercado para jornalista tem vagas, não é tão fechado como em outras áreas, ainda tem umas carências, a outra coisa é você investe em uma especialização já que a universidade não te dá isso no currículo base e ingressa no trabalho com a sua especialização para ganhar um piso que com hora extra vai chegar a 3 mil reais, tem que gostar muito de fazer e de querer fazer, porque a possibilidade dentro de um jornal, porque além de ser muito difícil chegar lá, é chegar lá e ganhar um pouco, então o raciocínio que eu imagino que um jovem vai fazer é se vale a pena eu investir nisso e depois

ganhar uma ninharia, com pouca chance de promoção, de ganhar mais, tudo isso conta na coisa. Mas a exigência, como o leitor, como o mercado, sempre vai querer mais especialização, se tiver uma vaga e você souber tratar daquilo vai ter mais chance daquilo lá mais especificamente, ter condições de ficar lutando dentro do nicho é ótimo. Em resumo, sim eu acho que na graduação pelas características, não só no RS, porque alimentação é para todo mundo, deveria ter noções básicas e depois se o repórter quiser se especializar na área eu acho que já existem cursos, confesso que não sei mas acho que existem voltados a isso, mas a grande maioria até hoje essa especialização ocorre mais na prática do que no estudo direto, embora tenha gente que tenha feito sim esse caminho. Essa especialização coloco entre aspas porque assim, o povo pode dizer o Elder é editor, especialista nisso, eu não sou, tem dias que patino para saber aquilo que vou editar no fim do dia, o que eu acho que tenho como qualidade é que tenho humildade em admitir que não sei e em buscar o que não sei, porque eu não vou publicar se eu não sei, vou deixar o mais claro possível o que envolve essa informação.

- Quais conteúdos/assuntos você elencaria como essenciais nesta disciplina?

O RS tem uma história de ocupação agrícola, pecuária inicialmente no tempo dos jesuítas, vem para um período mais diversificado, o arroz é mais consolidado a um século, as datas tu me desculpa, depois um período mais diversificado com trigo, várias culturas, e dos anos 70 anos pra cá quase que uma monocultura da soja, ter noção dessa história. Noção do que significa essa monocultura, como ela movimenta a economia do estado é importante, e noções de como isso mudou as relações, o estabelecimento do estado. Até tô querendo fazer um caderno sobre os lugares que acabaram, comunidades no interior que tinham 50 famílias que se dedicavam a diversas atividades, criava galinhas, criava suínos, tinha um parreiral, plantavam milho, trigo e no fim era diversificado, mas foram sendo sistematicamente sendo encolhidas e largaram o campo e foram morar em cidades, aquela comunidade desapareceu e virou um campo de soja. A noção de como isso afetou a própria ocupação do território do estado e mobilizou um grande contingente para deixar o campo e morar na cidade, acho que também é uma noção que qualquer jornalista deveria ter, mesmo que ele não vá cobrir rural, isso pode aparecer na política, nas artes.

- Outra contribuição:

Uma coisa que eu acho que falei mas que não quer dizer que no futuro não vá exigir mais especialização na área, é que no futuro pelo menos pra mim, como você pode perceber eu não sou tecnológico, quando eu entro em uma tecnologia ela já está acabando, quando eu copiei meus disquetes para dvd em pouco tempo o dvd acabou e eu tive que copiar tudo dnv em pendrive, hoje já não precisa do pendrive, então eu estou sempre atrasado. Vai se exigir cada vez mais especialização, a questão é como vai ser feito o jornalismo com essas especialização, porque se eu tenho a percepção de que era melhor fazer com a equipe viajando conversando com as pessoas, a geração de hoje talvez não tenha mais isso, a geração de hoje também não lê o jornal no papel, lê de outra maneira, quer peças audiovisuais junto, quer outras coisas, talvez

mais especialização para quem mais vai querer, porque o agricultor também está ficando cada vez mais especializado, dado pela tecnologia, se ele não entrar na onda tecnológica pode ter vários problemas porque hoje tem máquinas que o manual vem inglês. Então eu não sei como vai ser, mas eu imagino que sim, se você for ao mercado com um conhecimento de especialista você tem mais chance dentro desse nicho que cobre a agricultura, aí você tem que considerar que você terá mais chance, e tem que considerar também que não necessariamente será no meio jornal impresso, jornal, rádio, mas televisão, internet, trabalhar com assessoria, com várias possibilidades para não ficar limitado a um nicho menor ainda e que possa ser mais difícil ainda. Mas abre criatividade para esse mundo virtual, talvez antes de procurar emprego o estudante saia e crie um jeito dele ter um canal novo, moderno, que comunique dentro desse mundo virtual que eu particularmente conheço pouco, mas sei que é o caminho. Depende um pouco da opção de como cada um quer encaminhar sua trajetória, em ser generalista, em ser especialista, acho que há possibilidade para os dois lados. Enquanto formação, a minha percepção é essa que deveria ter umas noções básicas, assim como religião, acho que você não teve na federal, mas na PUC os alunos viviam reclamando de estudar religião, eu acho que na idade que o estudante está a doutrinação não resolve mais, mas ter conhecimento do fenômeno religioso é uma coisa muito importante ao longo de toda a trajetória jornalística, porque você vai ver que o fenômeno religioso perpassa coisa na economia, histórias, artes, ele aparece em vários eixos, então ter noção disso é importante da mesma forma que na agropecuária, sobretudo no estado do RS, seria muito importante ter essa noção, pelo menos básica.

APÊNDICE C: ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM GISELE LOEBLEIN (27/09/2021)

- Breve histórico profissional / conte sua trajetória.

Eu trabalho já tem 21 anos no grupo RBS, comecei ainda como estudante de jornalismo e eu também sou natural do interior do estado, nasci em Lajeado e me mudei para Porto Alegre em função da universidade, porque eu fui aprovada na UFRGS e vim cursar jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acabei encontrando aqui oportunidades também profissionais e fui ficando, então embora eu esteja urbana, vivendo em Porto Alegre hoje, eu sou do interior do estado, tenho família no interior do estado ainda. Então, como falei, me formei pela UFRGS em 2004 e dentro do grupo RBS trabalhei já em diferentes setores, como estudante a gente fazia tarefas que não eram tarefas jornalísticas mas sim de apoio para a redação lidando com materiais que hoje são obsoletos, duas décadas depois, mas enfim, a gente entregava fax, que era uma coisa que existia, correspondências e assim ia se familiarizando com o ambiente. Dentro do grupo RBS eu trabalhei um período como auxiliar de redação, que na verdade é uma “office girl” um “boy de redação” na Zero Hora, depois trabalhei durante 7 anos no Diário Gaúcho, que é o jornal popular do grupo, eu fiz muitas coisas nesses 20 anos, eu trabalhei com o atendimento ao leitor, aí depois que me formei eu trabalhei na editoria de polícia, que foi onde eu comecei, trabalhei por 4 anos na editoria de polícia do Diário Gaúcho, depois desse período eu voltei pra Zero Hora e trabalhei na editoria de mundo durante um ano e pouco, fui fazer parte de uma força tarefa, em que a gente soma esforços dentro de uma redação para a cobertura de um evento de maior porte, então eu fiz parte da força tarefa da cobertura da Expointer em 2009 e acho que foi uma conexão, digamos assim, a primeira vista, eu enfim gostei de trabalhar com o assunto, eles gostaram do resultado do meu trabalho. A editoria de campo, ela sempre esteve na Zero Hora dentro da Editoria de Economia, então dessa força tarefa da Expointer eu fui chamada pra trabalhar na editoria de economia, preferencialmente mas não exclusivamente com assuntos do campo e lavoura. A gente tinha um caderno semanal e mais a página e mais coberturas diárias que variavam conforme o tamanho do jornal, em 2010 eu passei a ficar exclusivamente como repórter do campo e depois em 2011 ou 2012, enfim, a pessoa que editava o campo saiu e eu acabei assumindo a edição do caderno, em 2013 teve um reposicionamento, uma reformulação da cobertura, aí se criou a ideia de ter uma página fixa, diária, na Zero Hora, uma coluna focada no agronegócio, então desde 2013 eu assino essa coluna, nesse período também fomos ficando cada vez mais multimídia, comecei assumir compromissos na Rádio Gaúcha, algumas participações no Campo e Lavoura na RBS TV, desde então é o que eu tenho feito. Desde 2013 eu respondo pela coluna que se chama Campo e Lavoura, que é o espaço fixo que a gente tem para tratar os temas do setor do agronegócio, do setor rural, a página chama Campo e Lavoura mas enfim do lavoura, porque o campo é uma marca bem forte do Grupo, então optou-se por deixar esse nome embora hoje não faça mais sentido essa distinção, o campo antigamente era utilizado em referência a pecuária e em referência aos grãos, mas hoje não faz mais sentido. Mas enfim, são 21 anos nas diferentes

funções e mais especificamente com o agro desde 2010, então hoje já são 11 anos mais focados na cobertura do setor rural.

- Considera que seu interesse na área iniciou na Expointer?

Sim, porque assim, quando a gente está na faculdade a gente tem umas ideias do que gostaria de fazer, mas as oportunidades vão surgindo e eu acho que o jornalista tem por obrigação experimentar coisas diferente, porque em tese a gente deveria ter a habilidade de falar sobre qualquer coisa, esse é o nosso papel, ir as pessoas, buscar e tentar colocar de uma forma que qualquer leitor possa entender. Então assim, sempre que as oportunidades surgiram eu encarei elas como oportunidade, eu nunca imaginei que nunca imaginei para trabalhar com polícia por exemplo, quando me chamaram para trabalhar nessa área as pessoas acharam muito estranho, porque eu sou uma pessoa muito sensível, muito humana digamos assim, e é um setor muito difícil de fazer a cobertura, mas eu considero assim, que foi uma grande escola para mim, aprendi muitas coisas lá. Ai as oportunidades foram vindo, foram crescendo e assim também com o rural, fui trabalhar na expointer e houve uma conexão recíproca, digamos assim, gostar de estar lá, inclusive a expointer pra mim continua sendo um lugar que eu me sinto em casa, muito bem, eu gosto muito de estar lá, naquela contaminação de muvuca com bicho, com cheiro de churrasco, cheiro de bosta, então eu me sinto muito confortável, eu gosto muito de participar da cobertura. Então, foi uma oportunidade que surgiu e eu decidi abraçar, a partir daí me dedicar, buscar a melhor forma de fazer a cobertura desse setor. Eu acho que tem muito mais do empenho, em qualquer que fosse o assunto, o empenho é muito mais em buscar fazer bem feito aquilo que tu faz do que especificamente assunto A, B ou C. Claro que a cobertura do agro tem algumas particularidades, algumas coisas que são mais técnicas, mas eu acho esse também um desafio importante, porque é um setor que precisa se comunicar com ele mesmo, mas também com as pessoas que não fazem parte, eu acho que é esse papel que a gente pode tentar ajudar, porque a cobertura que a gente tem no jornal ela não é uma cobertura específica, quando se trabalha em um veículo mais específico é possível ser mais profundo, se aprofundar mais na informação, não estou querendo dizer de forma nenhuma que a informação que a gente traz é rasa, mas assim são públicos, a gente tem que entender o público que a gente tá conversando, a coluna é feita para o setor se enxergar nela, mas ao mesmo tempo ela é feita para qualquer pessoa que queira saber mais desse setor possa entender sobre o que está se falando. Eu acho que ao longo desses 11 anos eu tive a oportunidade de conversar com muita gente, muita fonte boa, e sinto aprendendo com essas fontes, as pessoas me perguntam tu é agrônoma, tu é veterinária, eu me sinto completamente lisonjeada pela pessoa achar isso, mas eu não sou, eu sou jornalista e o fato de eu estar cobrindo esse setor a muito tempo me habilita para fazer algumas intervenções, algumas incursões, algumas avaliações, que talvez um colega meu, que não tenha familiaridade com essa área, não conseguiria fazer, mas é uma questão de tempo,;,. aprendizagem e coisas básicas do jornalismo, não ter vergonha de perguntar de dizer que não entendeu quando não entendeu. Acho que vai muito da tendência das fontes técnicas utilizam um linguajar técnico, e tudo bem, faz parte das rotinas delas, mas é aquilo que te falei, tem que entender com quem a gente quer conversar com aquela informação, por trabalhar com diversas

plataformas eu vejo que o mesmo assunto é tratado de formas diferentes conforme o alcance, conforme a linguagem do veículo que a gente tá trabalhando, não dá pra em um minuto de rádio a gente entrar em um grau de detalhamento e tecnalidade que a gente consegue entrar em uma reportagem, ou mesmo na coluna, são coisas diferentes que a gente precisa adaptar o conteúdo para deixar ele mais sucinto mas igualmente informativo. Acabei de gravar para a rádio, gravei dois boletins diferentes, para programas com perfis diferentes, um que tem um público mais de interior do estado que a gente se alonga um pouco mais na conversa, falei 4 minutos e 4 minutos em rádio é muito, e em outro que é um espaço de 1 minuto e 30 segundos que pra mim é um sofrimento, porque eu sou uma pessoa originalmente do jornal, do papel, a gente gosta de escrever, de falar falar falar, escrever escrever escrever, então condensar sempre é um sofrimento, mas é necessário, ninguém vai parar pra ouvir, um minuto e trinta já é um tempão no rádio, a gente acha pouco mas é um tempão, a gente tem que lembrar que as pessoas estão nos ouvindo só. Também tive oportunidade de fazer alguns treinamentos, não tenho curso superior na área, o treinamento mais recente que tive esse ano participei de um programa do consulado americano, do governo dos EUA, que durante um mês eu participei de um seminário com pessoas do mundo inteiro, que devido a pandemia teve que ser virtual, sobre segurança alimentar e políticas comerciais com pessoas do departamento de agricultura dos EUA, que é uma fonte, uma referência internacional para dados, que foi muito legal, os meus colegas eram pessoas do Kenia, da Turquia, nenhuma dela era jornalistas, eram pessoas que trabalhavam no ministério da agricultura, em órgãos de sanidade animal e vegetal dos seus países, foi muito legal fazer essa troca, aprender algumas coisas, a gente vai se formando na rotina do dia a dia, gostaria muito de fazer um curso de especialização, talvez um mestrado nessa área, mas a minha rotina é bem demandante no dia a dia, então por enquanto não foi possível encaixar, quem sabe em algum momento. Pra te citar um exemplo que acho interessante, a gente tem uma colega que foi nossa colega que é jornalista de formação, que saiu da empresa para fazer doutorado nos EUA, ela fez mestrado na UFRGS em agronegócio e agora tá fazendo doutorado na área de administração, foi uma pessoa que buscou uma especialização mas que também se encaminha para trabalhar com pesquisa, é um grau de profissionalização que ela está alcançando que nenhum veículo jornalístico, por mais especializado que seja, seria compatível com o grau de conhecimento que ela tem, ela deve usar o potencial dela agora para academia, para pesquisa, também para comunicação, mas isso abriu um outro caminho para ela, eu acho um caso bem interessante, por ser uma pessoa que se encaminhou, buscou formação e hoje inclusive ela está se profissionalizando ainda mais fora aqui. O mestrado é em administração, mas é na área de produção de grãos, de adoção de tecnologias, como é o impacto da adoção de tecnologias pelos produtores rurais, no caso com base na realidade dos EUA e do Brasil.

- Durante a graduação em Comunicação/Jornalismo cursou alguma disciplina voltada exclusivamente para a Comunicação ou Jornalismo Rural? Se cursou, obrigatória ou optativa?

Nenhuma. Eu não lembro de ter, talvez nas cadeiras eletivas, eu sou antiga né, o currículo de jornalismo ele foi atualizado depois que me formei, então talvez hoje a realidade hoje seja diferente, eu não posso falar porque eu não conheço a grade curricular hoje da UFRGS,

mas no período que eu fiz talvez eventualmente tivesse como eletiva, que são as cadeiras opcionais que a gente tem que fazer um número X de créditos, mas eu não fiz, se tinha eu não fiz, não tinha nada nessa área rural.

- As informações e o conhecimento obtidos durante a graduação foram/são suficientes para desempenhar suas funções no mercado de trabalho?

Eu acho que é uma combinação das duas coisas, uma das coisas que eu acho muito relevante da UFRGS, que foi a universidade que me formei, é o fato de que mais dos treinar para usar equipamentos a gente era estimulado a buscar conhecimento, buscar uma formação crítica também da nossa profissão porque eu acho que equipamentos, tecnologias é importante ter uma noção, mas não acho que seja fundamental. Então o que eu aprendi na universidade foi muito importante para minha formação enquanto jornalista com senso crítico, com uma avaliação capaz de fazer uma leitura das situações, de avaliar, que eu acho que é um pouco do nosso papel, buscar a informação que é uma commodity para fazer uma comparação com o agro, buscar aquilo que é commodity e trabalhar ela de uma forma analítica. Respondendo a tua pergunta, eu acho que a faculdade me preparou para ser uma boa jornalista, independentemente do campo de atuação, não teve um direcionamento, até porque se fossem me perguntar eu jamais, jamais mesmo, imaginaria um dia trabalhar com nenhum dos assuntos que eu já trabalhei, jamais imaginei ser repórter de polícia, jamais imaginei trabalhar na editoria de mundo, jamais imaginei que trabalharia com o campo e lavoura. A universidade me preparou para ser uma boa jornalista e com a prática veio também o conhecimento de áreas não do jornalismo, mas que fazem parte da rotina de veículos jornalísticos. Pra mim, em relação a temática com o rural foi o exercício da profissão que eu mais aprendi, sem dúvidas.

- Qual era seu interesse durante a graduação para trabalhar?

Olha, como 99 % dos estudantes de jornalismo eu entrei e gostaria, meu pai era jornalista, já falecido, eu sempre fui muito inspirada por ele, meu pai era um jornalista de jornal impresso e de rádio, nunca trabalhou com televisão, mas eu entrei com a vontade de trabalhar com a televisão, como a maioria de quem vai buscar essa formação. De novo essa coisa da oportunidade, a oportunidade que surgiu pra mim foi no impresso e o mundo foi dando tantas voltas que lá na frente eu acabei trabalhando também com a TV, fazendo os comentários do campo e lavoura. Mas entrei com esse objetivo, eu queria trabalhar com o jornalismo de TV.

- Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural?

Eu vou te devolver a pergunta, tu acha que as universidades preparam os estudantes para trabalhar com temas científicos, temas políticos, temas econômicos, temas de saúde? Não sei, porque são tantas áreas contempladas pela cobertura jornalística e eu acho que a faculdade de jornalismo não tem nem pernas para abarcar todo esse universo de uma forma muito específica. Vou te dizer do que já vi, já estive fazendo palestras em universidades no interior do estado, em

regiões que são mais agrícolas, já estive na Unicruz, a gente percebe que nesses lugares a um interesse muito grande, até por ser natural, pela proximidade deles com o tema nesse assunto, mas eu acho, não conheço o currículo em profundidade das universidades, então posso estar cometendo algum equívoco, mas eu acho que as universidades de jornalismo vem preparando os estudantes para ser jornalistas, porque existem múltiplas áreas, sendo o rural um desses pontos. Acho, inclusive, que é uma área muito carente de bons jornalistas, porque se tu for perguntar muito provavelmente a maioria não pensa em trabalhar com esse setor, algumas pessoas pensam talvez que só podem trabalhar nesse setor quem conhece, eu acho que falta bastante bons profissionais nessa área sim, mas acho que é algo que transcende, que vai além da formação acadêmica, acho que a responsabilidade deste não despertar tão intenso na cobertura do agro ele não é uma responsabilidade da universidade, não acho que seja porque falta formação na universidade que as pessoas não busquem tanto essa área, não acho, eu acho que tem mais haver com a realidade do mercado de trabalho, porque se tu for olhar hoje a gente tem pouquíssimo veículos de massa, veículos gerais, com cobertura nesse segmento. Se for olhar o RS, que é um estado essencialmente agro, a gente tem os grandes jornais ainda com uma cobertura especializada enfim, o Zero Hora tem, o Correio do Povo tem, o Jornal do Comércio tem também porque aborda muito essa questão da economia e o agro está presente nisso, mas se tu for olhar para os grandes jornalões do centro do país, Folha, Estadão, eles não tem mais um espaço fixo, eles tratam do tema mas junto com todos os assuntos que são tratados. Eu acho que é muito mais reflexo do mercado do que da falta de formação na universidade no caso.

- Acredita que exista necessidade de ter disciplinas voltadas para a área rural durante a graduação em jornalismo?

Eu acho que todo conhecimento que for possível da gente obter ele é válido, com certeza, então se há possibilidade de ampliar um pouco que seja o conhecimento dessa área eu acho bem legal, bem importante, bem relevante, acho que ajudaria sim a dar uma base para quem eventualmente busque uma cobertura especializada desse setor, acho que seria importante assim como eu acho que seria importante que a gente tivesse cadeiras de política internacional, de macroeconomia, microeconomia, acho que todo conhecimento, independente da área, agrega para o profissional de jornalismo. Principalmente numa realidade que a gente vive hoje, que as coisas caminham muito rápido, as coisas são muito efêmeras, as redes sociais trouxeram um mundo de possibilidades e ao mesmo também tornou a informação mais acessível mas talvez não mais, talvez não, com certeza, a informação menos apurada, menos crível, muitos casos a gente vê a circulação de fake news, então nunca se teve tanto espaço para se comunicar, mas ao mesmo tempo nunca houve uma comunicação tão cheia de desinformação, de fake news, enfim, talvez eu seja um pouco tópica, apesar de eu ter 20 anos de carreira, mas eu acredito que o bom jornalismo, o jornalismo bem feito, ele tem o seu valor em relação a informação ficar disponível de forma ilimitada nas redes sociais, não é uma crítica às redes sociais, eu uso as redes sociais, acho que elas são importantes canais de comunicação, vou te dizer que na interação com o setor rural que hoje a gente tem um movimento novo de jovens que antes iam

automaticamente para a cidade, hoje a gente vê muito filho de produtor rural buscando uma formação acadêmica para ser agrônomo, para ser veterinário, voltando para a propriedade, que é um jovem com a cabeça mais aberta, que quer tecnologia, que acessa a tecnologia, que conta sua realidade, a gente tem um monte de influencers que são do agro, de pessoas que querem mostrar um pouco mais da realidade, para nós que estamos na busca da informação é relevante que a gente tenha um canal de interação com as pessoas e isso se dá invariavelmente pelas redes sociais, acho que as redes sociais são uma ferramenta que a gente precisa saber usar mas que de forma alguma elas anulam o nosso papel, o papel da grande mídia.

- Quais conteúdos/assuntos você elencaria como essenciais nesta disciplina?

Eu acho que informações básicas, quais são as atividades que compõem o setor rural, as etapas da produção, porque você tem o antes da porteira, o dentro da porteira e o depois da porteira, são todas as cadeias relacionadas à produção propriamente dita, muitas pessoas não têm a noção de inter relação do setor do agro com todo o resto da economia, é preciso primeiro ter uma visão geral econômica do RS, do Brasil, que são dois pólos muito importantes dentro do agronegócio, o Brasil dentro cenário mundial e o RS dentro do Brasil. Ter noções gerais da relevância desse segmento para a economia, conhecer as etapas relacionadas ao agro e às vezes até umas noções básicas de matemática, estatística, porque assim em jornalismo e eu lido diariamente com contas no dia a dia, hoje eu fiz várias contas, o número tem uma informação, eu persigo muito a precisão, eu tenho muito cuidado com informação no meu trabalho, claro que sou um ser humano, então não sou a prova de falhar, ninguém é, mas eu sou bem chatinha com a precisão da informação, eu checo e re-checho, porque eu sei que se eu colocar o valor, que foi algo que aprendi com as pessoas que trabalhei, que o valor que a saca de soja custa 100 reais ou custa 1000 reais tem uma diferença profunda, então noções básicas de matemática, estatística comparativa a gente precisa fazer, são bem relevantes para trabalhar na cobertura dessa área. Eu acho que é importante a gente se espelhar, eu tive a sorte de trabalhar com profissionais muito bons, que conheciam muito bem o setor, que me deram a orientação necessária para que eu pudesse trabalhar jornalisticamente com a cobertura do rural, eu trabalhei com a Adriana Longoni, minha primeira editora de campo que foi uma pessoa que tinha muita experiência, uma pessoa que trabalhou no Correio do Povo, no Canal Rural, conhecia muito do setor, aprendi muito com ela, algumas das lições que eu aprendi com ela eu sigo carregando até hoje. Acho que é importante a gente aprender com os nossos colegas, eu sempre tive o azar ou a sorte, eu considero sorte, eu sempre tive a sorte de trabalhar com pessoas que eram muito crieri, muito criteriosas, não só no rural, as pessoas com quem trabalhei, o editor que tive na área da polícia, na área do mundo, eram pessoas que tinham muito cuidado com dados, com informação e eu peguei essa coisa deles, hoje inclusive tenho na coluna uma estagiária que é estudante de jornalismo, trabalha comigo, para quem eu tento passar um pouco do que já aprendi, eu acho que a gente não termina de aprender nunca, mas eu acho que um pouco do que eu já aprendi na área eu passo para essa pessoa que está trabalhando comigo, que é uma estudante de jornalismo. Ela já conhecia um pouco o setor porque já tinha feito estágio em outro veículo de comunicação nessa área, como a vaga de estágio eu já tive mais de uma estagiária,

algumas sabiam nada, outras sabiam alguma coisa do certo, mas todos aprenderam, eu acho que é importante a gente sempre estar aberto e disposto para aprender, eu sempre digo que um bom jornalista ele tem que saber ouvir, perguntar e saber contar aquilo que ele ouviu, então isso vale para qualquer que for a cobertura.

- Pensando na sua equipe, como é o trabalho com os repórteres que não tiveram preparação para a área? O jornal é responsável por “formar” os jornalistas nessa área?

Sim, a ideia é que a gente possa oferecer uma formação para essas pessoas para trabalharem com o rural ou com qualquer outra área que elas quiserem trabalhar, de novo o jornalismo é um universo amplo, tem diferentes frentes de atuação, só pra ti ter uma ideia das estagiárias que eu tive, essa é a quarta estagiária, uma delas trabalha como repórter da área de Sua vida, que pega educação, saúde, enfim, outra trabalha em uma assessoria de imprensa que é especializada no agronegócio, outra ainda é estudante mas conseguiu uma vaga dentro da empresa que já é de carteira assinada mas não é relacionada ao agro especificamente e agora essa menina que já fazia estágio na cobertura de agro e que agora segue. Eu acho que a formação ta muito mais voltada no ofício do que no assunto, a formação que a gente consegue dar ta muito mais na ocupação jornalística do que na cobertura especificamente, porque a gente tem que tar preparado para falar de qualquer coisa que a gente queira falar, eu acho que seria uma tortura falar de futebol, mas se eventualmente eu tivesse necessidade de fazer cobertura nessa área eu ia me dedicar, buscar formação e informação para dar o melhor de mim nessa cobertura, e eu acho que isso vale para a cobertura da área rural. Hoje as pessoas me perguntam, eu adoro o que eu faço, acho que alguns reconhecimentos que já tive nessa área, que são reconhecimentos específicos do setor, que pra mim representam muito, porque quando você recebe um reconhecimento de uma categoria, já recebi o reconhecimento da Pá de Arroz, que é o reconhecimento dos arroteiros para destaque na imprensa, pra mim é uma baita honra porque é uma pessoa que entende, que se formou para isso, e que de alguma forma reconhecida no meu trabalho, pra mim isso é muito importante. O prêmio Folha Verde é um prêmio que a assembleia legislativa entrega para vários destaques na área rural, quem escolhe é uma votação a partir de indicação de nomes e quem vota são pessoas que representam entidades do setor e colegas jornalistas, pra mim receber esse prêmio também é um reconhecimento de que o público com quem quero conversar, me conectar, vê valor no meu trabalho.

- Acredita que a população é bem informada sobre assuntos relacionados ao campo? O que “faltaria” neste diálogo?

Bem informada é algo que pode ser relativo, o que eu acho que é ser bem informado talvez não seja pra ti. O que eu acho é que existe uma lacuna de informação entre esses dois meios, o urbano e o rural, e acho que as duas partes precisam melhorar nessa interação, as pessoas precisam estar mais receptivas para ouvir, inclusive um tempo atrás teve uma pesquisa feita pela ESPM, um núcleo de agro coordenado Tejon, que é um jornalista bem conhecido nessa área, trabalha muito com o marketing no agronegócio, trabalhou na ESPM, uma pesquisa

que fez um diagnóstico de como as pessoas viam o agronegócio e o agricultor, de uma forma muito grande as pessoas viam, reconheciam a importância do trabalho, mas as pessoas se sentem desconectadas na comunicação com esse público. Eu acho que aí você tem duas partes na mesma história, acho que às vezes o setor também precisa fazer um pouco do dever de casa e se dispor a traduzir um pouco mais da sua realidade de uma forma que qualquer pessoa possa entender, porque as vezes é difícil, quanto mais especializado você é mais a sua tendência de ser técnico, até porque você levou anos buscando aquela informação, é difícil ter uma linguagem simples mas que ao mesmo tempo não seja simplória, existe uma diferença, acho que é um dever de casa dos dois. É uma via de mão dupla, uma necessidade de uma interação melhor entre os dois públicos e essa disponibilidade tem que ser de ambos, porque existem vários canais de comunicação, existe o canal geral, o canal específico/especializado e existe o canal técnico e todos esses canais podem contar com o jornalista, mas talvez o que entre em um jornal técnico não vai entrar em um jornal de massa, um veículo diário, assim como coisas que entram em uma revista especializada, vou citar o Globo Rural como exemplo, mas existem outras revistas especializadas, outros jornalistas, eu faço parte de um grupo no whatsapp que se chama “pautas agro” que reúnem toda a cadeia de cobertura do agronegócio, que reúne assessores de imprensa que trabalham com empresas, com entidades do setor, reúne jornalistas que fazem a cobertura no dia a dia e a gente tem uma troca muito legal, tem muita gente que entende desse assunto, tem vários campos de atuação. A mídia convencional/tradicional é um deles, então assim tem bastante gente boa trabalhando com isso, agora talvez não em um único canal, não só em um tipo de veículo, existem várias plataformas para trabalhar, e eu acho, de novo é uma coisa que não conheço porque são quase 20 anos formada, existem novas plataformas de trabalho que na minha época de faculdade que as pessoas não pensavam muito, assessoria de imprensa era outra possibilidade, mas as pessoas queriam trabalhar com veículos, hoje em dia existe um mundo de possibilidades, um mundo mesmo, bem grande e eu imagino que exista uma gama de ferramentas que vocês sejam apresentados para lidar que a gente não tinha no meu tempo, na minha época.

- Outra contribuição:

Tem uma coisa interessante que veio com a pandemia, a pandemia também fez com que a gente tivesse que transformar nossa forma de trabalhar, o jornalista é um ser muito social, a gente tava numa redação com várias pessoas, trocava ideia, interagia, as coberturas com o tempo deixaram de ser presencial, a expointer por exemplo foi híbrida, a cobertura foi diferente, tudo isso nos ensinou também, o próprio meio rural teve uma aceleração incrível na utilização das ferramentas virtuais, porque até quem não queria usar foi obrigado a usar porque era um meio de fazer negócios, na pecuária por exemplo a gente tem na primavera a gente tem o que se chama de temporada de primavera que são leilões e remates de gado de elite, com genética diferenciada, que sempre foram mega eventos comerciais, era mais que uma venda era um evento, o dia inteiro, tinha comida, a gente ia presencialmente para Uruguaiana, todas essas marcas tiveram que se adaptar, entrar no mundo virtual. Então isso transformou o próprio setor, acelerou o processo digital do setor, também transformou o nosso trabalho de enviar informação

em um momento que havia restrição de uma forma geral, mas que o campo seguiu produzindo, o produtor não parou um minuto, essas experiências sempre trazem contribuições importantes, aprendizados. Para mim um bom jornalista é quem sempre está disposto a aprender, nesse setor não é diferente quanto em qualquer outro, a pessoa precisa estar disposta a aprender sempre e nunca achar que sabe tudo, porque ninguém sabe tudo. Então assim, a experiência te dá um pouco mais de conforto na hora de trabalhar os assuntos, mas o aprendizado é todos os dias, acho importante que a gente siga aprendendo.

ANEXOS

Anexo 01 – Ementa da disciplina “Produção de conteúdo em comunicação rural” ofertada na Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Curso de Jornalismo - Bacharelado

DECOM 1088 - Produção de Conteúdo em Comunicação Rural

Carga horária: 60h

Professores: Rafael Foletto e Reges Schwaab

OBJETIVO: Planejar, produzir e avaliar conteúdos de forma consciente, crítica e criativa para atuar de maneira participativa e cooperativa no desenvolvimento do meio rural e da sociedade, levando em consideração dimensões culturais, socioambientais, políticas e econômicas da realidade agrária.

PROGRAMA:

UNIDADE 1 – Principais conceitos e campo profissional da comunicação rural

1.1 – Ruralidade e comunicação: sociabilidade e cultura.

1.2 – Agroecologia: debates e experiências.

1.3 - Sustentabilidade ambiental, social e econômica.

UNIDADE 2 – Temas atuais da comunicação rural e sustentabilidade

2.1 – Comunicação rural: meios e públicos.

2.2 - Comunicação e organizações de agricultores: coletivos e cooperativas.

2.2 - Estratégias em comunicação rural.

2.3 - Tecnologias e processos de consumo e recepção no campo.

UNIDADE 3 – Práticas de comunicação rural e sustentabilidade

3.1 – Planejamento de comunicação e conteúdos para diferentes mídias.

3.2 – Desenvolvimento e produção.

3.2 – Avaliação de processos e resultados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARAÚJO, Inesita. S. **A Reversão do Olhar** - Prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social. 1. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2000. v. 1. 280p.

BORDENAVE, Juan Díaz E. **O que é Comunicação Rural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**. Bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRAGA Geraldo M.; KUNSCH, Margarida. M. Khohling. **Comunicação rural**. Discurso e prática. Viçosa: Imprensa Universitária, 1993.

FROELICH, José M.; DIESEL, Vivien (org.). **Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

MOTA, Iraê Pereira; CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Contribuições dos jornalistas na comunicação para o desenvolvimento local. In: Iraê Pereira Mota; Marconi Aurélio e Silva; Rosângela Araújo de Souza; Tenaflae Lordêlo (Org.). **Comunicação, mídia e culturas**. 11. ed. João Pessoa: Ideia, 2013. v. 1, p. 110-138.

Universidade Federal de Santa Maria

Campus Frederico Westphalen

Fone: (55) 3744-0600 - Fax: (55) 3744 0619

Endereço: Linha 7 de Setembro, s/n, Caixa Postal 54, CEP: 98.400-000 – Frederico Westphalen-RS.

Endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/frederico> – E-mail: ufsmfw@ufsm.br



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Curso de Jornalismo - Bacharelado

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

Cronograma de atividades:

Encontro	Data	Atividade
1	12/03	Aula Teórica / Apresentação disciplina
2	19/03	Aula Teórica - Comunicação Rural (Rafael)
3	26/03	Aula Teórica - Sustentabilidade (Reges)
4	02/04	Conversa com profissionais
5	09/04 (véspera páscoa)	EaD - entrega trabalho
6	16/04	Tema gerador - temáticas trabalhos
7	23/04	Produção Digital
8	30/04	Produção Digital
9	07/05	Produção Digital (entrega)
10	14/05	Podcast grupo
11	21/05	Podcast grupo
12	28/05	Podcast grupo (gravação/edição e entrega)

Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen

Fone: (55) 3744-0600 - Fax: (55) 3744 0619

Endereço: Linha 7 de Setembro, s/n, Caixa Postal 54, CEP: 98.400-000 – Frederico Westphalen-RS.

Endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/frederico> – E-mail: ufsmfw@ufsm.br



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Curso de Jornalismo - Bacharelado

13	04/06	Programete
14	18/06	Programete
15	25/06	Programete (gravação/edição e entrega)
16	02/07	Encerramento / auto avaliação
17	07/07	Complementação de atividades (se necessário)
	16/07	Exame

Avaliações:

Nota 1

Atividade 1 = Resenha sobre a conversa com convidados – individual (4,00 pontos).
 Avaliação 2 = Digital (roteiro + produto) – grupo (6,00 pontos).

Nota 2

Avaliação 3 = Podcast longo (roteiro e produto) – grupo (4,00 pontos).
 Avaliação 4 = Programete (roteiro e produto) – individual (6,00 pontos).

Observação: Trabalhos entregues atrasados valem 50% da nota.

Universidade Federal de Santa Maria

Campus Frederico Westphalen

Fone: (55) 3744-0600 - Fax: (55) 3744 0619

Endereço: Linha 7 de Setembro, s/n, Caixa Postal 54, CEP: 98.400-000 – Frederico Westphalen-RS.

Endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/frederico> – E-mail: ufsmfw@ufsm.br

Anexo 02 – Ementa da disciplina “Comunicação rural” ofertada na Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen

	<p>Universidade Federal de Santa Maria CESNORS DCG Comunicação Rural Profª. MSc. Caroline Casali</p>
---	--

EMENTA

O perfil econômico brasileiro é marcado pela produção agropecuária. Diante disso, é necessário que os profissionais da Comunicação Social contemplem, em suas práticas profissionais, uma organização discursiva voltada à comunidade rural. A presente Disciplina Complementar de Graduação oferece aos acadêmicos do Curso de Jornalismo uma formação em comunicação rural, tão cara à região Norte do Estado do RS, que é essencialmente agrícola. Essa disciplina tem como conteúdos: conceitos, histórico, modelos e pesquisa em comunicação rural; formação da agricultura brasileira; modernização agrícola: questão ecológica e agrária; meios e mensagens em comunicação rural.

OBJETIVO

Formar profissionais que, através da comunicação, atuem de forma consciente, crítica e criativa no desenvolvimento da comunidade rural, levando em consideração suas dimensões sócio-culturais, ambientais, políticas e econômicas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I – PARADIGMAS DA AGRICULTURA NO BRASIL

Resumo da história da agricultura no Brasil
A modernização da agropecuária brasileira
Os impactos da modernização na agropecuária brasileira
Desenvolvimento rural sustentável
Agricultura familiar
Agroecologia

UNIDADE II – COMUNICAÇÃO RURAL

Comunicação e extensão rural
Conceito e história
Meios e mensagens em comunicação rural
Jornalista, Relações Públicas e Publicitários voltados ao meio rural

Unidade III – EXPERIÊNCIAS EM COMUNICAÇÃO RURAL

Jornais impressos
Vídeos e programas de TV
Programas de rádio
Assessoria de imprensa
Sites e webjornalismo

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BORDENAVE, Juan E. D. **O que é Comunicação Rural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORDENAVE, Juan E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- EMBRATER. **A comunicação na Extensão Rural: Fundamentação e diretrizes operacionais**. Brasília, 1987.
- EHLER, Eduardo. **Agricultura sustentável: Origens e perspectivas de um novo paradigma**. Guaíba/RS: Agropecuária, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRIEDRICH, Odilo A. **Comunicação Rural: Proposição crítica de uma nova concepção**. Brasília: EMBRATER, 1988.

Anexo 03 – Ementa da disciplina “Jornalismo Rural e Ambiental” ofertada na Universidade de Cruz Alta



RECONHECIDA PELA PORTARIA 1704 DE 03.12.1993 - D.O.U. DE 06/12/1993
 RECREDENCIADA PELA PORTARIA 711 DE 08.08.2013 - D.O.U DE 09/08/2013

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO
PLANO DE ENSINO

Curso/Habilitação: Jornalismo	
Disciplina: Jornalismo Rural e Ambiental	Período: 6º
Créditos: 4	Semestre Letivo: 2021/2
Professor(a): Margarete Ludwig	Dia da semana: quarta-feira (19h-22h30)
<p>Missão Institucional A Universidade de Cruz Alta tem como MISSÃO a produção e socialização do conhecimento qualificado pela sólida base científica, tecnológica e humanística, capaz de contribuir com a formação de cidadãos críticos, éticos, solidários e comprometidos com o desenvolvimento sustentável.</p>	
<p>Valores Institucionais A Universidade de Cruz Alta se compromete com a educação do ensino superior da sua região por meio da produção de conhecimento científico e tecnológico qualificado, pautada nos seguintes valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compromisso Social - Democracia - Educação - Ética - Inovação e Desenvolvimento - Justiça - Liberdade - Respeito às diversidades - Responsabilidade Social 	
<p>Perfil do Egresso Na Unicruz, no Curso de Jornalismo, o perfil do egresso está pautado no desenvolvimento da competência de produção e difusão de informações em contexto de realidade social, utilizando para tal as diferentes ferramentas, mídias e tecnologias, alicerçadas na aproximação entre os campos teóricos e práticos, dotados de visão crítica, senso de justiça, cultura geral, empreendedorismo, criatividade, domínio da língua portuguesa e línguas adicionais, além de outras linguagens.</p>	



CURSO
 FONE: (55) 3321 FONE | EMAIL: EMAIL DO SETOR
 Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 –
 Parada Benito. CRUZ ALTA/RS - CEP- 98005-972 | UNICRUZ.EDU.BR

<p>Ementa</p> <p>Os espaços Urbano e rural no Brasil. Jornalismo e Agronegócio. Associativismo e Cooperativismo. Produtos jornalísticos voltados ao meio rural. A visão holística do jornalismo e a alfabetização ecológica. Técnicas de entrevista, redação e edição jornalística tendo como temática central a sustentabilidade no meio rural.</p>
<p>Objetivos da Disciplina</p> <p>Instrumentalizar o aluno para a crítica, a investigação, a produção e a interpretação jornalística do setor rural, especialmente o agronegócio. Estimular a capacidade de reflexão ao respeito das práticas jornalísticas mediante a avaliação de suas perspectivas, limitações e possibilidades em diferentes contextos (urbano e rural). Exercitar a visão sistêmica no jornalismo, promover a alfabetização ecológica e o entendimento mais amplo do que seja a sustentabilidade e seus múltiplos desdobramentos.</p>
<p>Conteúdos Programáticos</p> <p>UNIDADE 1 – Visão holística do jornalismo</p> <p>1.1 Ética, cidadania e jornalismo ambiental.</p> <p>1.2 A crise ambiental: o esgotamento de um modelo de civilização</p> <p>1.3 Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade</p> <p>1.4 Temas prioritários para o jornalismo ambiental, tais como: pobreza e desenvolvimento, clima, água, energia, biodiversidade, consumismo, lixo, etc.</p> <p>UNIDADE 2 – O jornalismo rural e a sustentabilidade</p> <p>2.1 Considerações sobre o rural e urbano no Brasil.</p> <p>2.2 Agricultura e agronegócio. (O papel da agricultura familiar e do agronegócio no desenvolvimento socioeconômico)</p> <p>2.3 Importância do agronegócio. (Principais cadeias produtivas no Brasil)</p> <p>2.4 Agricultura e sustentabilidade. (A importância da pesquisa e do avanço tecnológico na produção agrícola sustentável)</p> <p>2.5 Os problemas sociais da agricultura no Brasil.</p>
<p>Metodologia e suas estratégias</p> <p>Aulas expositivas dialogadas (pelo google.meet), seminários, atividades práticas individuais e em grupos.</p>
<p>Avaliação</p> <p>Critérios</p> <p>Participação nas atividades propostas e cumprimento dos prazos estabelecidos. Será observada a participação efetiva nas atividades propostas em aula; capacidade de reflexão; empenho na busca de elementos extraclasse para complementação dos debates e apresentações em sala de aula.</p> <p>Instrumentos</p> <p>Avaliações teórico-práticas, trabalhos individuais e em grupo; seminários; debates.</p> <p><u>Obs.:</u></p> <p>Este plano é flexível e está sujeito a alterações no decorrer do semestre de acordo com o perfil da turma.</p>

CURSO

FONE: (55) 3321 FONE | EMAIL: EMAIL DO SETOR

Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 –
Parada Benito. CRUZ ALTA/RS - CEP- 98005-972 | UNICRUZ.EDU.BR

Bibliografia Básica

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: 2005.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PEREIRA Jr., Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

_____. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

- Complementar:

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BRAGA, Geraldo Magela & KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). **Comunicação rural: discurso e prática**. Viçosa/MG, Imprensa Universitária, 1993.

EMBRAPA. **Olhares para 2030: Desenvolvimento sustentável**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, 2020. Disponível em <https://www.embrapa.br/olhares-para-2030>. Acesso em 15 ago 2020.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental- Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

LOPES, Mauro de Rezende. **Agricultura política. História dos grupos de interesse na agricultura**. Brasília, Embrapa, 1996.

ONU. **As perguntas mais frequentes sobre os objetivos do desenvolvimento sustentável**. UNDP (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 2018. Disponível em <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/ods/cartilha-de-perguntas-e-respostas-dos-ods.html>

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável – Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em Transformação**. São Paulo. Editora Globo, 2005

Data:**Assinatura do professor****QUARTA-FEIRA****ANEXO - CRONOGRAMA DE TRABALHO**

Aula	Data	Assunto	Atividades e Estratégias
-------------	-------------	----------------	---------------------------------

CURSO

FONE: (55) 3321 FONE | EMAIL: EMAIL DO SETOR

Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 – Parada Benito. CRUZ ALTA/RS - CEP- 98005-972 | UNICRUZ.EDU.BR

01	28/07	Apresentação do plano de ensino, objetivos da disciplina e discussão sobre a dinâmica das atividades de ensino aprendizagem.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
02	04/08	UNIDADE 1 – Visão holística do jornalismo 1.1 Ética, cidadania e jornalismo ambiental. (O desenvolvimento sustentável como meta global)	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
03	11/08	1.2 A crise ambiental: o esgotamento de um modelo de civilização (O que as nações estão fazendo para enfrentar a crise ambiental e construir um novo modelo civilizatório)	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
04	25/08	1.3 Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
05	01/09	1.4 Temas prioritários para o jornalismo ambiental, tais como: pobreza e desenvolvimento, clima, água, energia, biodiversidade, consumismo, lixo, etc.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
06	08/09	Temas prioritários para o jornalismo ambiental, tais como: pobreza e desenvolvimento, clima, água, energia, biodiversidade, consumismo, lixo, etc.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
07	15/09	Avaliação 1º bimestre	
08	22/09	UNIDADE 2 – O jornalismo rural e a sustentabilidade 2.1 Considerações sobre o rural e urbano no Brasil.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
09	29/09	2.2 Agricultura e agronegócio	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
10	06/10	2.3 Importância do agronegócio. A relação agricultura e pecuária	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.

CURSO

FONE: (55) 3321 FONE | EMAIL: EMAIL DO SETOR

Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 – Parada Benito. CRUZ ALTA/RS - CEP- 98005-972 | UNICRUZ.EDU.BR

11	13/10	Agronegócio e as principais cadeias produtivas de produção no RS (soja)	Seminário
12	20/10	Agronegócio e as cadeias produtivas de produção (leite)	Seminário
13	27/10	Agronegócio e as cadeias produtivas de produção (milho)	Seminário
14	03/11	Agronegócio e as cadeias produtivas de produção (frutas)	Seminário
15	10/11	2.4 Agricultura e sustentabilidade.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
16	17/11	2.5 Os problemas sociais da agricultura no Brasil.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
17	24/11	2.6 O mercado para o Jornalista no Agronegócio.	Aula sincrônica e disponibilização de materiais de consulta.
18	01/12	Avaliação 2º bimestre.	

EXAME: 08/12/2021

CURSO

FONE: (55) 3321 FONE | EMAIL: EMAIL DO SETOR

Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 –
Parada Benito. CRUZ ALTA/RS - CEP- 98005-972 | UNICRUZ.EDU.BR